



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E TECNOLOGIAS  
CAMPUS XVIII – EUNÁPOLIS  
COLEGIADO DE LETRAS**

**VANDRESSA SANTOS BARBOSA**

**UMA LÍNGUA CHAMADA PORTUGUESA, UM PAÍS CHAMADO BRASIL:  
A TRAMA E A URDIDURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA**

**Eunápolis-BA**

**2025**

**VANDRESSA SANTOS BARBOSA**

**UMA LÍNGUA CHAMADA PORTUGUESA, UM PAÍS CHAMADO BRASIL:  
A TRAMA E A URDIDURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA**

Trabalho de Final de Curso – TCC, apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Campus XVIII, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Vernáculas com habilitação Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lícia da Silva Sobral.

**Eunápolis-BA  
2025**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS**  
**CAMPUS XVIII – EUNÁPOLIS**  
**COLEGIADO DE LETRAS**

Ata da Sessão de Defesa Pública de Trabalho de Final de Curso - TCC do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras.

Aos 08 dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e cinco, com início às 15:00 realizou-se a sessão para a defesa pública do Trabalho de Final de Curso - TCC da discente Vandressa Santos Barbosa, intitulado, **“UMA LÍNGUA CHAMADA PORTUGUESA UM PAÍS CHAMADO BRASIL: A TRAMA E A URDIDURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA”**, presidida pelo Professora Lícia da Silva Sobral, na qualidade de orientadora, que por sua vez passou a palavra para a primeira examinadora, Prof.<sup>a</sup> Mestra Irlena Moreira Lopes, que discutiu e levantou questões relevantes para a pesquisa. O mesmo aconteceu com o segundo examinador, Prof.<sup>o</sup> Mestre Marcelo Nascimento Dias. Em seguida o Prof.<sup>a</sup> Lícia da Silva Sobral, presidente da banca, teceu comentários sobre o trabalho apresentado e sobre o desempenho de sua orientanda. Encerrada a apresentação, a banca decidiu **APROVAR** o discente com a nota 9,5 considerando que foram atendidas as exigências das normas que regulam a apresentação da defesa de TCC do Curso de Licenciatura em Letras da UNEB *Campus XVIII*.

---

Prof.<sup>a</sup> Lícia da Silva Sobral  
Orientadora  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof.<sup>a</sup> Irlena Moreira Lopes  
Examinadora  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof.<sup>o</sup> Marcelo Nascimento Dias  
Examinador  
Universidade do Estado da Bahia

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por iluminar meus caminhos, fortalecer meu coração e me permitir chegar até este momento tão significativo da minha vida.

Agradeço, sobretudo, à minha mãe, Alexsandra, minha primeira professora, minha melhor amiga, meu porto seguro e minha maior inspiração. Foi ela quem me alfabetizou aos seis anos, para que, quando finalmente os percalços da vida permitisse que eu ingressasse a escola, apenas aos nove, eu estivesse preparada para acompanhar os demais colegas. Ela não apenas me ensinou a escrever e a ler, ensinou-me a sonhar, a persistir e a transformar dificuldades em força. Carrego comigo a memória das noites em que, mesmo sem recursos, ela decorava folha por folha do meu caderninho simples de capa de surfista comprado no mercadinho. Cada detalhe, feito com paciência e carinho, transformava aquilo em algo precioso. Esses cadernos eram mais do que material escolar: eram provas de cuidado, de presença, de afeto. Era a certeza de que alguém acreditava em mim muito antes de eu aprender a acreditar em mim mesma.

Agradeço também à minha família, por ser alicerce, apoio e motivo de luta. Cada gesto de cuidado, cada palavra de incentivo e cada momento compartilhado fizeram com que o caminho fosse menos solitário. Se busco um futuro melhor, não é apenas por mim, mas por todos nós que caminhamos lado a lado.

Ao meu companheiro, meu amor e melhor amigo, deixo minha gratidão mais profunda. Esteve comigo ao longo do curso e nas noites mais longas, nos dias de incerteza e nas páginas que pareciam não terminar. Foi abraço, cuidado, incentivo e calma quando eu acreditava que escrever esta monografia seria impossível. Foi quem segurou minha mão quando eu não conseguia segurar a minha própria. Obrigada por tornar meus dias mais doces e meus desafios mais leves.

Aos meus professores, que durante a graduação me ensinaram o verdadeiro sentido de ser professora de alma. Acolheram minhas dúvidas, compartilharam caminhos e transformaram inquietações em possibilidades. Mostraram-me que educar é também abraçar, orientar e acreditar.

Minha gratidão especial à minha orientadora, que ultrapassou o papel acadêmico e me acolheu em dias de turbulência pessoal. Sua sensibilidade e compreensão foram fundamentais para que eu continuasse quando a vida insistia em dificultar. Levo comigo sua generosidade como exemplo da docência que desejo construir.

Aos colegas de curso, aos amigos que ganhei ao longo desta jornada e aos colaboradores da universidade que, com gestos simples e sorrisos sinceros, tornaram os dias mais leves: obrigada. Nossa caminhada foi feita de encontros, e levo comigo cada um deles.

Sou grata a todos que passaram pela minha vida ao longo destes 25 anos e destes 5 anos de curso. Encontros bons e encontros ruins fazem parte do crescimento humano, e graças a cada um deles estou aqui, celebrando oficialmente a minha primeira graduação.

Obrigada!

**Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões  
Gosto de ser e de estar  
E quero me dedicar a criar confusões de prosódias  
E uma profusão de paródias  
Que encurtem dores  
E furtem cores como camaleões**

(Caetano Veloso, 1984)

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar o português brasileiro a partir da noção de diassistema, demonstrando que a língua no Brasil não se reduz a um modelo uniforme, mas resulta da coexistência entre um sistema relativamente homogêneo e um diassistema heterogêneo. A pesquisa, de caráter bibliográfico, histórico, linguístico e sociolinguístico, fundamenta-se em obras que discutem a formação histórica do português brasileiro com base em Mattos e Silva (2004), Santos e Lopes (2015) e a noção de diassistema formulada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e ampliada por estudos posteriores. A metáfora “trama e urdidura” remete à formação histórica da língua, tecida pelos fios culturais dos povos indígenas, já presentes no território no momento da invasão colonial, dos africanos trazidos compulsoriamente e dos diversos grupos imigrantes. Influenciado pela diversidade adquirida por essas presenças e, nesse contexto de várias línguas, nasce um português próprio com características regionais de cada um desses grupos, assim como, refletindo formas homogêneas presente no vocabulário do brasileiro. O sistema, compreendido como estrutura subjacente, organiza a língua nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico, garantindo estabilidade comunicativa. No diassistema, entretanto, tais níveis assumem diferentes realizações, perceptíveis nos usos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos, o que evidencia a pluralidade da oralidade brasileira.

**Palavras-chave:** Português brasileiro. Diassistema. Sistema.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze Brazilian Portuguese from the perspective of the diassystem, demonstrating that the language in Brazil is not reduced to a uniform model but results from the coexistence of a relatively homogeneous system and a heterogeneous diassystem. The research, which is bibliographical, historical, linguistic, and sociolinguistic in nature, is based on works that discuss the historical formation of Brazilian Portuguese, drawing on Mattos e Silva (2004), Santos e Lopes (2015), and the notion of diassystem formulated by Weinreich, Labov, and Herzog (1968) and expanded by subsequent studies. The warp and weft metaphor refers to the historical formation of the language, woven from the cultural threads of Indigenous peoples—already present in the territory at the time of the colonial invasion—of Africans forcibly brought, and of various immigrant groups. Influenced by the diversity emerging from these presences and, within this context of multiple languages, a unique Portuguese arises, marked by regional characteristics of each of these groups while also reflecting homogeneous forms present in Brazilian lexicon. The system, understood as the underlying structure, organizes the language at the phonological, morphological, syntactic, and semantic levels, ensuring communicative stability. In the diassystem, however, these levels assume distinct realizations, perceptible in phonetic, morphological, syntactic, and semantic uses, which highlights the plurality of Brazilian orality.

**Keywords:** Brazilian Portuguese. Diassystem. System.

## LISTA DE TABELAS, QUADROS E MAPAS

MAPA 1:	Estados e Capitais do Brasil .....	13
MAPA 2:	Os Povos do Tronco Linguístico Tupi no Momento Inicial da Colonização do Brasil em 1500 .....	15
MAPA 3:	Linha de Tráfico de Escravos África - Brasil em 1538 .....	15
MAPA 4:	Imigrantes Vindos Para o Brasil Entre 1748-1970 .....	16
MAPA 5:	População Escrava no Brasil no Século XIX .....	17
MAPA 6:	Povos Indígenas em 1500 .....	18
TABELA 1:	Diversidade Étnica Presente na População Brasileira Entre 1538 e 1890 .....	19
MAPA 7:	Povos Tradicionais Brasileiro .....	20
FIGURA 1:	Níveis Estruturais do Sistema Linguístico que Compõe o Português Brasileiro .....	32
FIGURA 2:	Deslocamento Colonial do Português e seus Destinos Linguísticos .....	44
FIGURA 3:	Matrizes que Constituem o Português Brasileiro .....	45
FIGURA 4:	Interação Entre Sistema e Diassistema no Português Brasileiro .....	46
QUADRO 1:	Dados Lexicográficos e Toponímicos de Tupi .....	47
QUADRO 2:	Lexias de Origem Africana .....	48
QUADRO 3:	Lexias de Origem Imigrante .....	49

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	
2	CAPITULO I – UM PAÍS CHAMADO BRASIL, UMA LÍNGUA CHAMADA PORTUGUESA	
1.1	<b>Brasil o País</b> .....	13
1.2	<b>A Chamada Língua Portuguesa</b> .....	14
1.3	<b>A História que Constrói Português do Brasil</b> .....	20
1.3.1	O Fazer e o Refazer: a Língua em Movimento .....	23
		27
3	CAPITULO II – RESPOSTA AO CAPÍTULO I	
2.1	<b>A Língua Enquanto Sistema</b> .....	27
2.2	<b>A Composição do Sistema de uma Língua</b> .....	30
2.3	<b>Língua: Modalidade Oral/Escrita</b> .....	33
2.4	<b>Da Fala para Escrita: uma Interação Advinda de Redes Sociais</b> .....	35
2.5	<b>Do Sistema ao Diassistema</b> .....	37
2.6	<b>O Estudo da Heterogeneidade: Sociolinguística e Dialectologia</b> .....	40
		43
4	<b>CAPÍTULO III – BRASIL BRASILEIRO: UMA COLCHA DE RETALHOS</b>	
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52

## 1 INTRODUÇÃO

Estudar o diassistema foi voltar à Vandressa de 11 anos, a menina que, em um dia comum, teve seu brilho diminuído por uma professora que não soube acolher suas marcas de fala. Naquele instante, minha língua não foi só corrigida: foi castigada, como se a beleza de uma variação precisasse ser escondida. Revisitar essa memória durante a pesquisa foi como ouvir Caetano cantar que “gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões” e perceber que a língua não é apenas regra: é corpo, é história, é pulsação. Foi compreender que a minha fala também dança, também inventa, também resiste. Foi descobrir que a língua não nos diminui, ao contrário, nos expande, assim como o Brasil expande a língua portuguesa, inventando novos tons, abrindo fendas, recriando sentidos. Foi um estudo difícil, sensível e, ao mesmo tempo, profundamente gratificante. Foi transformar ferida em compreensão, silêncio em reflexão e história pessoal em diálogo científico.

Em meu primeiro momento pensei em preconceito linguístico, pois sentia que precisava acalantar a criança oprimida, que teve sua identidade dilacerada ao levar para a sala de aula uma fala carregada de marcas do meio onde sempre esteve inserida. Contudo, cada vez que me aprofundava eu sentia que entrava em única língua com várias facetas, foi o caminho que me levou ao questionamento “se falamos a mesma língua o que levava a essas diferenças?”

Busquei respostas e vi que o meu país é multifacetado, não há uma única voz para essa língua, são várias vozes em um único idioma. Com isso, fui em busca de apoio bibliográfico para buscar respostas para as várias interrogações que surgiam no meio do caminho. Com essa inquietação latente, fui atrás da formação histórica do português brasileiro, vi que ele, assim como a história sangrenta que possui o País, também passou por um processo desumano em sua formação até chegar no português que falamos. As leituras sobre a sócio história do português da autora Rosa Virgínia Mattos e Silva, foi acalanto para minha inquietude.

Com a invasão dos portugueses, trazendo o Português de Portugal e buscando incessantemente implementar aos povos autoctones, acabou dizimando as línguas indígenas aqui existentes. E não parou por aí, trouxeram povos de vários cantos da África, os separaram dos seus irmãos de fala numa tentativa de que não houvesse contato linguístico entre os mesmo e que implantasse assim, a língua ao qual eles julgavam que deveriam prevalecer para todos.

Posteriormente, de maneira planejada, vieram imigrantes de vários países e se instalaram de maneira arquitetada pelas regiões e estados do Brasil. E para sobreviver em meio ao caos, esses povos que viviam em uma interceção de identidades, criaram maneiras únicas de comunicação entre eles mesmos. Assim, formando novas línguas, por necessidade, onde indígenas, africanos e imigrantes se reconheciam em uma língua que fluía no processo de comunicação.

Nessa construção histórica de dizimação, apagamento ficou claro que o Português do Brasil, não é um filho obdiente dos colonizadores. Em meio aos contatos, os povos criaram uma língua de resistência, que apesar de seguir o sistema Português, a língua não se manteve parcial ao que os colonizadores portugueses pretendiam.

Assim, fui caminhando para ideias, que apesar de não seguir o que eu pensei em pesquisar inicialmente, respondia a minha inquietação. Mas que para responder as minhas inquietações da presença uniforme do português no território brasileiro, deveria conhecer sistema, estrutura e os vários sistemas que contribuiriam para nossa diferença entre PE e PB.

O sistema de uma língua é o que nos faz compreender a uniformidade de uma língua falada de norte a sul do Brasil. Contudo, esse sistema está impregnado pelas diferenças em cada país do mundo que fala a língua portuguesa. Porém, isso para mim ainda não responde a inquietação inicial, até chegar ao ponto de apesar de existir um sistema, ainda considerado homogêneo, a diversidade persistia em vários aspectos da língua, portanto, existia um outro sistema em uso que não coadunava com o ensinado na escola.

O termo diassistema me deslocou para repensar como o sistema sobrevive em espaços diferenciados de seu nascimento. O livro fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog, traduzido Marcos Bagno (2006), torna-se o centro de apoio para minha discussão e esclarecimento de minhas inquietações. Entretanto, não pude deixar de observar que discutia uma teoria linguística como caminho para minhas respostas.

Nesse sentido, temos uma língua denominada português que invadiu vários espaços no mundo e se torna o centro do sistema, desse centro outros sistemas se formam em áreas onde esse português se fez presente. A heterogeneidade inserida na homogeneidade dando espaço para uma nova representação da língua, ramificações advindas das necessidades do processo de comunicação dos usuários.

Foi necessário uma busca inquietante, marcada por uma metodologia de pesquisa bibliográfica, dividida entre aspectos socio-históricos e fundamentos teóricos, sob a perspectiva de pesquisa de discussão e comprovação de uma teoria linguística. Sob a reunião de autores que proporcionasse um conjunto de justificativas de uma colcha de retalhos que se unisse com um unico objetivo, formação do sistema da língua portuguesa no Brasil. Com esse objetivo, nas questões históricas: Mattos e Silva (2004); Santana (2014); Santos e Lopes (2015). Para as questões de embasamento teórico: Weinreich, Labov e Herzog (1953), tradução Bagno (2006); Aurélio (1986); Pietroforte (2015); Rocha Lima (2022); Américo Venâncio (2003).

As questões metodológicas estruturais da presente pesquisa, é dividida em três capítulos a saber: Capítulo I – Um país chamado Brasil, uma língua chamada portuguesa, em que se discute as questões socio-historicas na formação do português brasileiro através da relações geograficas presentes em diferentes regiões a partir da presença indígena, africana e imigrante. Capítulo II – Uma resposta ao Capítulo I, pesquisa sobre o conceito de sistema, diassistema e as relações da heterogeneidade para a formação do português brasileiro. Capítulo III – O Brasil brasileiro: Uma colcha de retalhos, compreendendo que o sistema subjaz o diassistema e se retroalimentam, reforçando a participação da presença indígena, africana e imigrante compondo o português brasileiro

Minha pesquisa vai além de um estudo para final de curso, ela representa o acalento a Vandressa de 11 anos de idade. Pois, por mais que sua fala marcada pela presença de várias vozes e por uma palavra que com o passar do tempo caiu em desuso por influência do diassistema ao sistema, ela não era menos inteligente e indigna de estar em uma sala de aula com os demais.

## 2      CAPITULO I – UM PAÍS CHAMADO BRASIL, UMA LÍNGUA CHAMADA PORTUGUESA

### 1.1    Brasil o País

**Brasil, essas nossas verdes matas  
Cachoeiras e cascatas de colorido sutil  
E este lindo céu azul de anil  
Emolduram em aquarela o meu Brasil**  
Aquarela Brasileira  
(Silas de Oliveira, 1964)

O país chamado Brasil é uma nação de vasta extensão territorial e natureza diversa, localizado no continente sul-americano. Ocupa uma área de 8.515.767,049 quilômetros quadrados e é composto por 26 estados e o Distrito Federal, distribuídos em cinco regiões geográficas. Sua população atual é de aproximadamente 213.421.037 habitantes. Esse extenso território foi submetido à colonização portuguesa por cerca de 322 anos, motivo pelo qual a língua portuguesa consolidou-se como o idioma oficial do país, constituindo uma das principais heranças desse processo histórico.

MAPA 1: Estados e Capitais do Brasil



Fonte: SIGNIFICADOS, 2025.

(...) há muito a fazer nessa orientação de pesquisa, até que possamos demonstrar que o que tipifica o português brasileiro decorre de derivas antigas ou são resultados das peculiaridades sócio-históricas que condicionaram a formação do português brasileiro. (Mattos e Silva, 2004, p. 65-66).

Constituiu-se historicamente como um espaço de profunda diversidade linguística e cultural, resultado da colonização portuguesa e do contato intenso entre povos indígenas, africanos escravizados e imigrantes de várias origens. Nesse cenário, a língua portuguesa, ao se enraizar no território, não permaneceu idêntica ao modelo europeu.

## **1.2 A Chamada Língua Portuguesa**

Assim como enfatiza Mattos e Silva, o português do Brasil se diferenciou do europeu, pois foi moldado pelas circunstâncias históricas e sociais brasileiras, presentes nesse imenso território, através dos contatos com línguas indígenas, com as diversas línguas africanas trazidas durante o processo de escravização, resultando em uma sócio-história marcada pelas sociedades locais e culturas que se formavam nesse território.

Passados quase cinco séculos, está ainda por ser reconstruído, com o detalhamento possível, o processo politicamente assimétrico entre a língua portuguesa, língua de dominação, com muitas línguas autóctones e diversas línguas aqui chegadas, primeiro as africanas, depois as línguas de imigrantes, que tornaram esta área americana, multilíngüe de origem, ainda mais complexa linguisticamente (MATTOS E SILVA, 2004, p. 11).

Esse processo foi marcado por irregularidade de poder. O português chegou como língua de dominação, mas precisou conviver e interagir com centenas de línguas indígenas e com uma multiplicidade de línguas africanas trazidas durante mais de três séculos de tráfico atlântico. A autora explica que se trata de um processo politicamente desigual entre a língua portuguesa com muitas línguas autóctones e diversas línguas aqui chegadas. O resultado não poderia ser uma língua uniforme, mas, sim, um português que desde as origens carrega marcas de contatos, rupturas e resistências.

MAPA 2: Os Povos do Tronco Linguístico Tupi no Momento Inicial da Colonização do Brasil em 1500.



Fonte: João Teixeira Albernaz II, *Atlas do Brasil* (1666). Fundação Biblioteca Nacional.

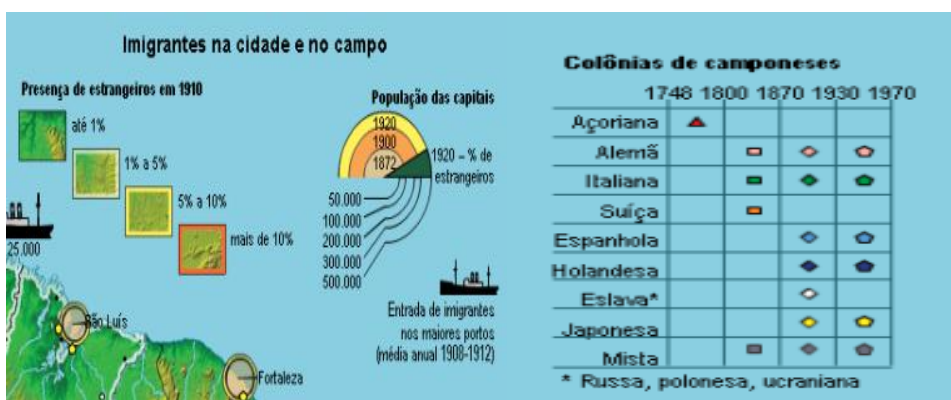
MAPA 3: Linha de Tráfico de Escravos África – Brasil em 1538.



Fonte: Blog *Professor Wladimir*, postagem “Mapas e estatísticas de Negros no Brasil” (11 set. 2012).

Com o fim do tráfico negreiro e a necessidade de mão de obra barata, o Brasil passa a incentivar imigrações europeias e asiáticas no final do século XIX e início do XX. Diferentemente da diáspora africana, esse fluxo migratório foi planejado e seguiu rotas específicas de colonização agrícola e urbana.

MAPA 4: Imigrantes Vindos Para o Brasil Entre 1748-1970



Fonte: Fundação Getúlio Vargas — Atlas FGV. *Imigrantes na cidade e no campo* (2023).

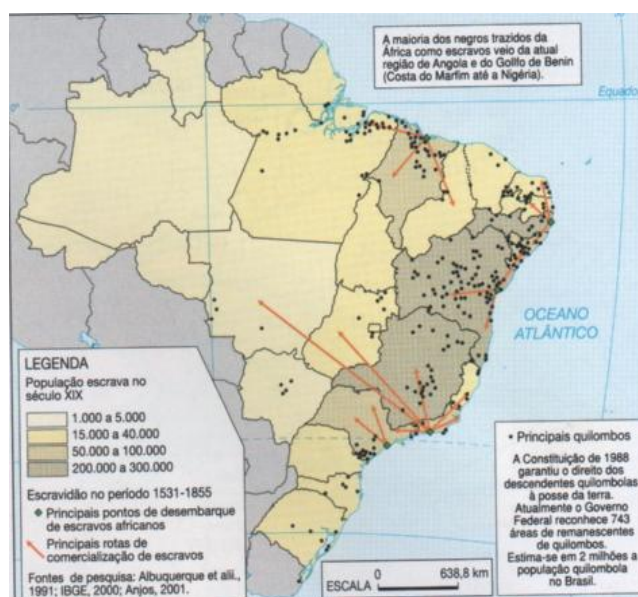
No caso das populações indígenas, Mattos e Silva (2004), lembra que, desde a carta de Pero Vaz de Caminha, os portugueses percebiam a necessidade de aprender as línguas nativas

para a catequese, e não o contrário. Contudo, a história seguiu por outro caminho, resultando no que a autora chama de trajetória dizimada dos índios brasileiros e de suas línguas, percurso etnocida e glotocida.

O seguir da história foi outro e com aqueles quatro que ficaram se inicia a trajetória dizimada dos índios brasileiros e de suas línguas, percurso etnocida e glotocida conhecido, conduzidos primeiro pelos colonizadores portugueses e prosseguido pelas chamadas frente pioneiras que alcançam os limites últimos da Amazônia brasileira. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 14).

Apesar de séculos de destruição, ainda sobrevivem cerca de 180 línguas indígenas, o que inviabiliza a visão de que o Brasil é ou sempre foi unilíngue. A importância da chamada *língua geral de base tupi*, que chegou a competir com o português na costa e na Amazônia, mostra que as línguas indígenas foram parte constitutiva da formação linguística do país. No tocante à presença africana, o quadro é igualmente determinante. O tráfico iniciado em 1538 levou para o Brasil uma imensa diversidade de povos e línguas. No fim do século XVI, em Salvador, os negros já eram maioria em relação aos portugueses “Isto quer dizer que em toda a história brasileira a maioria foi não-branca, isto é, de língua familiar, na sua origem, não portuguesa” (Mattos e Silva, 2004, p. 35). Revelados, de acordo com a autora pelos estudos de Alberto Mussa.

MAPA 5: População Escrava no Brasil no Século XIX



Fonte: Blog Professor Wladimir, postagem “Mapas e estatísticas de Negros no Brasil” (11 set. 2012).

MAPA 6: Povos Indígenas em 1500



*Fonte: Atlas histórico escolar. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991, p. 12.*

Essa predominância explica por que o português brasileiro é tão marcado por traços de contato, sobretudo no léxico. A autora destaca, com base em Mussa, que:

os itens lexicais de origem bantu são os que se registram com mais anterioridade, com maior grau de integração morfológica e em maior número de campos semânticos no português do Brasil (Mattos e Silva, 2004, p. 18).

Esse contexto evidencia que a diversidade presente no sistema do português do Brasil não é acidental, mas constitui uma característica essencial, resultado da variedade étnica e cultural que marcou a formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, a noção de uma língua homogênea se desconstrói, abrindo espaço para a compreensão de um sistema que evidencia várias formas de comunicação marcadas por regionalidade, cultura e, principalmente, por questões sócio-históricas.

Não se pode compreender a história do português no Brasil sem levar em conta, em pé de igualdade linguística [...] o percurso histórico das populações e suas línguas que aqui conviveram e convivem com a língua portuguesa (MATTOS E SILVA, 2004, p. 34).

A língua reflete as desigualdades históricas da colonização, da escravidão e da exclusão social, mas, também, carrega vestígios de resistência, como o léxico africano e indígena e a persistência de traços fonológicos e sintáticos populares. No século XVIII, com as reformas pombalinas, o português foi imposto como língua oficial da colônia, substituindo o uso das línguas gerais. Mesmo assim, como lembra Rosa Virgínia,

Pode-se então dizer, como A. Houaiss, que "o português brasileiro nasce com diversidade" (1985: 91) e, digo eu, vive e convive com ela, tanto regional como social. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 21).

Os dados demográficos reforçam essa perspectiva. Até meados do século XIX, a maior parte da população brasileira não tinha o português europeu como língua materna. O crescimento da miscigenação e negros nascidos no Brasil, somado ao decréscimo de portugueses e indígenas, configurou uma população híbrida, cujo português resultava do convívio com línguas africanas e indígenas (Mattos e Silva, 2004). Isso relativiza qualquer discurso de um sistema uniforme e confirma um sistema de comunicação oral que se distancia da escrita, nos levando a observar o crescimento da população brasileira, conforme demonstra a tabela a seguir.

TABELA 1- Diversidade étnica presente na população brasileira entre 1538 e 1890.

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
mulatos	-	10%	19%	34%	42%
brancos brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

*Fonte:* Mussa, 1991: 163 (MATTOS E SILVA, 2004, p.18)

Não se trata, portanto, de uma vitória pura do português europeu, mas de um processo de adaptação que resultou em uma língua própria. Essa perspectiva abre espaço para os estudos sociolinguísticos contemporâneos.

### 1.3 A História que Constrói Português do Brasil

O português brasileiro constitui-se como resultado de um processo histórico-social singular, em que a língua do colonizador europeu, associada ao poder e ao prestígio, foi transplantada para um espaço marcado por uma intensa diversidade cultural e étnica. Em outras palavras Mattos e Silva enfatiza que a heterogeneidade é constitutiva do português do Brasil, consequência inevitável da diversidade étnica e cultural que caracterizou a formação da sociedade brasileira (MATTOS E SILVA, 2004).

MAPA 7: Povos Tradicionais Brasileiro



Fonte: Ravel Gimenes - Mapa: Povos Tradicionais Brasileiros (não-indígenas), 2021.

Esta heterogeneidade não é apenas reflexo da multiplicidade cultural, mas um traço estrutural da língua, que acompanha seu desenvolvimento desde os primeiros contatos coloniais até a contemporaneidade.

A formação do português no Brasil ocorreu em um ambiente de choques, interações e reelaborações linguísticas. Desde os primeiros séculos, a língua portuguesa se entrelaçou às línguas indígenas e africanas, resultando em uma realidade multilíngue.

O fundamental na formação de nossa língua parece estar historicamente dado no Brasil Colonial, quando ocorre o encontro/confronto entre o português europeu, as línguas indígenas e as línguas dos africanos aqui aportados, que virão a ser, com os afro-descendentes, os principais difusores do português vernáculo brasileiro (MATOS E SILVA 2004, p. 9).

A imposição da língua do colonizador não apagou de imediato as demais línguas, mas produziu um campo de trocas no qual o português se modificou. Nesse processo,

se inicia a trajetória dizimada dos índios brasileiros e de suas línguas, percurso etnocida e glotocida conhecido, conduzido primeiro pelos colonizadores portugueses e prosseguido pelas chamadas frentes pioneiras que hoje alcançam os limites últimos da Amazônia brasileira (2004, p. 14).

A violência colonial deixou marcas profundas na configuração linguística do país. Ao mesmo tempo em que o contato com línguas indígenas e africanas não pode ser entendido como simples acréscimo lexical, mas como elemento estruturante da variedade brasileira. Mattos e Silva chama atenção para a necessidade de

Muitas histórias têm de ser reconstruídas para que venha a ter uma história do diversificado português brasileiro, inexoravelmente nascido do encontro da “língua adulterada de negros e índios” e da koiné portuguesa, além de outras línguas aqui chegadas que, necessariamente, por razões sócio-históricas e linguísticas, entrecruzaram-se e se entrecruzam com o ideal redutor e generalizado formulado por Serafim da Silva Neto (2004, p. 12).

A língua, assim, formou-se em meio a relações de dominação, mas também de resistência e ressignificação. Essa trajetória não se explica apenas pelo passado remoto. Ainda hoje, a diversidade é constitutiva do português falado no Brasil, manifestando-se em variações regionais, sociais e situacionais. Em um estudo sociolinguístico sobre Salvador, Oliveira (2014) destaca que

(...) um contexto social consiste, a princípio, na definição, mutuamente compartilhada e ratificada, que os participantes constroem quanto à natureza da situação em que se encontram e, a seguir, nas ações sociais que as pessoas executam baseadas em tais definições (ERICKSON; SCHULTZ, 2002, p. 217, apud OLIVEIRA, 2014, p. 15).

A língua, nesse sentido, não é apenas um código, mas um processo vivo, configurado na interação entre sujeitos. A concepção de que a língua é plural e dinâmica é reforçada por teorias

da mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog defendem a superação do axioma da homogeneidade e afirmam que a língua deve ser entendida como “heterogeneidade ordenada” (2006 [1968], p. 13-14). No português brasileiro, essa noção é particularmente pertinente, pois a variação não é exceção, mas regra: ela compõe a estrutura do idioma e revela as marcas de sua constituição histórica.

Eduardo Guimarães (2005) insere esse processo em uma perspectiva histórica ampla, ao mostrar como o português se consolidou em diferentes fases de contato. Inicialmente, conviveu com as línguas indígenas, as línguas gerais e até com o holandês; em seguida, com as línguas africanas trazidas pelo tráfico negreiro. Mais tarde, a política linguística da coroa portuguesa, especialmente com o Diretório dos Índios de 1757, promoveu o declínio das línguas gerais e reforçou a presença do português. Com a vinda da família real em 1808, a língua ganhou novo prestígio e alcance social, associada à corte, à imprensa e à unificação cultural. Como sintetiza Guimarães,

(...) o português, ao funcionar em novas condições e nelas se relacionar com línguas indígenas, língua geral, línguas africanas, se modificou de modo específico e os gramáticos e lexicógrafos brasileiros do final do século XIX, junto com nossos escritores, trabalham o “sentimento” do português como língua nacional do Brasil (2005, p. 24).

Esse percurso histórico evidencia que o português brasileiro não é um simples prolongamento do português europeu, mas “resultado das peculiaridades sócio-históricas que condicionaram a formação do português brasileiro” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 65-66). A língua no Brasil não apenas herdou características da matriz lusitana, mas também se transformou profundamente, incorporando elementos novos e produzindo diferenças estruturais que a distinguem de sua origem.

Portanto, compreender o português brasileiro implica reconhecê-lo como produto da diversidade, da heterogeneidade e da mudança. Ele nasceu em meio a contatos e conflitos, consolidou-se em condições políticas e sociais próprias e, ainda hoje, é marcado pela pluralidade de usos e formas. Mais do que um “português no Brasil”, trata-se de uma língua histórica, configurada no tempo e no espaço, cuja característica essencial é a diversidade que a constitui.

### 1.3.1 O Fazer e o Refazer: a Língua em Movimento

A heterogeneidade não é um desvio, mas parte constitutiva da língua. Questões como a concordância variável ou o uso alternado de pronomes pessoais são herdeiras dessa formação histórica. Assim, quando estudos recentes, como os de Santana (2014), analisam fenômenos da oralidade em Salvador, por exemplo, a alternância entre “nós” e “a gente” estão, na prática, comprovando a tese de Mattos e Silva de que a heterogeneidade é fundadora da língua.

A mesma lógica vale para o reconhecimento da voz negra no português brasileiro. Se a escravidão fragmentou línguas e povos, a oralidade e a cultura popular foram espaços de resistência. De acordo com Santos e Lopes (2015), a fala de líderes negras dialoga diretamente com a perspectiva de Mattos e Silva: a língua, mesmo imposta como instrumento de dominação, foi e continua sendo ressignificada como espaço de identidade e luta.

Nesse quadro de contatos assimétricos e permanentes, a sociolinguística contemporânea oferece instrumentos para compreender como a heterogeneidade se estrutura no português brasileiro. Como destaca Mollica (2004),

Assim, a análise sociolinguística passa, então, a tomar como objeto de estudo o caráter variante dos usos linguísticos. Desse modo, considera a inexistência da variação livre, mas, sim, de uma heterogeneidade estruturada, tendo como pressuposto que a escolha das variantes não é aleatória, mas relacionada a alguns grupos de fatores, que podem ser sociais ou linguísticos. (Mollica, 2004, apud Santana, 2014, p. 62).

Assumindo que não existe variação livre, mas uma heterogeneidade estruturada, vinculada a fatores sociais e históricos. Essa perspectiva reforça o ponto de Mattos e Silva (2004), de que não se pode separar a história social da história da língua, pois ambas se entrelaçam na constituição de um português brasileiro marcado por contatos, resistências e desigualdades.

No campo dos debates, de acordo com Santana (2014), sobre a origem do português brasileiro, Santana (2014) recorda que três hipóteses se destacam: a da criouliização prévia, defendida por Guy (2005), a da transmissão linguística irregular, proposta por Lucchesi (2012), e a da deriva secular, apresentada por Naro e Scherre (2007). Guy sustenta que há “presença de traços criouliizantes na variante popular do PB, tanto na fonologia, morfologia e sintaxe” (Santana, 2014, p. 59). Já Lucchesi argumenta que o português brasileiro se explica por uma

transmissão irregular, na qual “ocorreu alteração dos valores dos parâmetros sintáticos em função de valores não marcados” (Santana, 2014, p. 60-61). Em contraposição, Naro e Scherre defendem que as diferenças entre o português europeu e o brasileiro não precisam ser atribuídas a crioulização ou transmissão irregular, mas fazem parte de uma “deriva natural da língua, assim como uma confluência de motivações” (Santana, 2014, p.61).

Ainda que essas linhas divirjam, todas apontam para o papel crucial da presença africana e indígena na configuração do português do Brasil. O próprio Santana (2014) sublinha que:

Ainda que seja inegável a contribuição dos africanos, trazidos como escravos para o Brasil, para a formação do PB, assim como a predominância quase que absoluta dos afrodescendentes na constituição da camada popular brasileira e, especialmente, da população de Salvador, não é possível afirmar tacitamente que a situação de contato entre línguas, à qual foram mudança linguística significativa na estrutura gramatical do PB, que o fez diferenciar-se do PE, especialmente, em relação ao quadro pronominal e o preenchimento do sujeito plural do PB. (p. 61-62).

Esse dado conecta-se diretamente ao argumento de Mattos e Silva de que a língua portuguesa, embora imposta como língua de dominação, foi apropriada e transformada por aqueles que a receberam em contextos de violência, exclusão e resistência, nesse ponto o sistema da língua portuguesa do Brasil assume sua identidade relacionada as questões sócio-históricas.

A partir desse pano de fundo histórico, os estudos sociolinguísticos sobre a oralidade no Brasil evidenciam como essa diversidade se manifesta em fenômenos concretos. A pesquisa de Santana (2014), sobre a alternância entre “nós” e “a gente” no português popular de Salvador revelou que “o uso do pronome a gente superou e muito o uso de nós no português popular de Salvador, tendo frequência de 76% de a gente contra 24% de nós” (Santana, 2014,p.81).

Essa mudança é especialmente perceptível entre os mais jovens, indicando que a língua popular tende a adotar a forma inovadora “a gente”, em detrimento da forma tradicional “nós”. A análise confirma a hipótese de que a variação não é aleatória, mas segue condicionamentos sociais: “os mais jovens utilizam a forma a gente, ao passo que os mais velhos utilizam a forma nós” (Santana, 2014, p. 80).

Os quadros criados por Santana (2014), reforça a tese de que a heterogeneidade é constitutiva da língua.

observou-se com a pesquisa do uso variável de nós e a gente, no português popular falado em Salvador, na amostra do corpus PEPP<sup>1</sup>, a expansão do uso da forma a gente, amplamente utilizada na fala dos brasileiros, independente de classe social, grau de instrução ou regionalização, em concorrência com a forma nós na função de sujeito (p. 83).

A vitalidade dessa forma mostra como os usos populares participam ativamente da dinâmica linguística, desafiando a visão de um português uniforme e fixo.

Outro aspecto fundamental para compreender a formação do português brasileiro é o reconhecimento da voz negra. Santos e Lopes (2015), ao estudarem a fala de mulheres negras líderes comunitárias em Salvador, analisaram a variação da concordância nominal e constataram que, apesar do estigma, “em 53% dos dados, as falantes utilizaram todas as marcas de plural em todos os elementos” (Santos e Lopes, 2015, p. 172). Mais do que uma questão gramatical, trata-se de um fenômeno profundamente social, pois as escolhas linguísticas dessas mulheres são avaliadas dentro do que Bourdieu (1983), chama de “mercado linguístico”. Como explicam as autoras,

A competência linguística dos falantes que mais se aproximam do padrão funciona como capital linguístico, cujo valor garante aos falantes uma posição privilegiada em relação aos utentes de outras variedades linguísticas (SANTOS; LOPES, 2015, p. 165).

Esse processo revela tanto os mecanismos de exclusão quanto as formas de resistência. As variantes estigmatizadas, ao circularem nas comunidades negras e periféricas, funcionam como símbolos de identidade coletiva. Santos e Lopes (2015) ressaltam que:

A linguagem utilizada pelos grupos de prestígio torna-se mecanismo de poder, com a finalidade de dominar, excluir e marginalizar os que não têm sua fala reconhecida como norma da língua padrão. (SANTOS; LOPES, 2015, p. 168).

Mas, ao mesmo tempo, as falas analisadas evidenciam que a língua é constantemente recriada e ressignificada, servindo como instrumento de luta e de afirmação. Além de evidenciar a diversidade constitutiva do português brasileiro, os estudos sociolinguísticos ressaltam como essa heterogeneidade se relaciona com mecanismos de exclusão e preconceito. Como observa Bourdieu (1983) apud Santos e Lopes (2015), o domínio do “mercado linguístico” faz com que

---

<sup>1</sup> PEPP: Programa de Estudos do Português Falado em Salvador.

certas variedades sejam valorizadas como capital simbólico, enquanto outras são estigmatizadas. Essa ideia encontra eco nas análises de Santos e Lopes (2015), que mostram como as falas de mulheres negras em Salvador são sistematicamente avaliadas como “menos corretas”, ainda que obedecem a padrões estruturados.

Nessa mesma direção, Bagno (2011) afirma que a estigmatização das variedades populares resulta de um processo de naturalização do preconceito, já que “atualmente, após anos de luta pelos direitos civis, a sociedade [...] ainda aceita o preconceito linguístico como normal” (Santos; Lopes, 2015, p. 167). Assim, ao lado da diversidade, a história do português brasileiro também revela as desigualdades de poder que marcaram e ainda marcam a sociedade brasileira.

As relações de um sistema que historicamente foi imposto diante das diversas línguas existentes no território brasileiro, assim como, a presença maciça das línguas advindas da África, através do tráfico negreiros, sendo os escravizados os principais difusores desse português falado no Brasil, demonstra que o sistema de uma língua é constituído de possibilidades no uso.

**Lá no meu sertão pros caboclo lê  
Têm que aprender um outro ABC  
O jota é ji, o éle é lê  
O ésse é si, mas o érre  
Tem nome de rê  
(ABC do sertão Luiz Gonzaga)**

## **2.1 A Língua Enquanto Sistema**

A palavra Sistema determina em sua acepção a reunião de partes diferentes que formam um conjunto ou um todo com objetivos a serem atingidos. De acordo com o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (1986)

[Do gr. Systema, ‘reunião, grupo’, pelo lat. Systema.] S. m. **1.** Conjunto de elementos, materiais ou ideais, entre os quais se possa encontrar ou definir alguma relação (5). **2.** Disposição das partes ou dos elementos de um todo, coordenados entre si, e que funcionam como estrutura organizada. **17.** Ling. Conjunto de elementos solidários entre si: sistema fonológico; sistema sincrônico. **18.** Ling. A própria língua quando encarada sob o aspecto estrutural. [ As duas últimas acepç. vêm sendo adotadas a partir de Ferdinand Saussure (v. saussuriano). (Aurélio Buarque de Holanda, 1986, p. 1594-1595)

Sob a perspectiva de significado do termo, observa-se que a estrutura de uma língua é um conjunto de elementos solidários entre si. Sob esse aspecto, os estudos linguísticos demonstram que a organização desse sistema se estabelece através de elementos cuja funcionalidade está inserida na estrutura que compõe o sistema linguístico

Pode-se definir um sistema como um conjunto organizado em que um elemento se define pelos outros. Um conjunto é uma totalidade de elementos quaisquer. Se eles estão organizados, isso quer dizer que um elemento está em função dos outros, de modo que a sua função se define em relação aos demais elementos do conjunto. (SAUSSURE, 1969, apud PIETROFORTE, 2015, p.82)

Dessa forma, quando se afirma que a língua é um sistema, entende-se que a língua possui uma estrutura organizada de elementos interligados. Compreendemos, portando, que a língua não é uma simples soma de palavras, sons ou regras, mas uma rede complexa de dependências internas que se articulam e se equilibram mutuamente. Segundo Saussure (1969, apud

PIETROFORTE, 2015), a língua pode ser estudada sob a ótica de um sistema porque ela apresenta uma organização interna que lhe confere valor e função a cada unidade que a compõe.

Para Saussure (1969, apud PIETROFORTE, 2015), a língua pode ser compreendida nos mesmos termos de um sistema, pois suas unidades só adquirem valor quando relacionadas entre si. Cada elemento linguístico se define a partir das funções e oposições que mantém com os demais. Essa organização é o que permite a estabilidade do sistema linguístico, tornando possível que os falantes de uma mesma língua se compreendam. Ainda que cada indivíduo apresente variações em sua fala, todos compartilham o mesmo conjunto de regras e relações estruturais, o que garante a comunicação. O sistema é responsável por dar unidade e coerência à língua, assegurando que ela funcione como um código comum entre os falantes de uma comunidade. Enfim, os falantes de uma mesma língua, independente da região utilizam o mesmo sistema.

(...) falam a mesma *língua* porque ambos dominam o mesmo sistema de elementos linguísticos, ou seja, palavras, ordem da colocação das palavras na frase, vogais, consoantes, entre outras propriedades. As falas são diferentes, mas o sistema linguístico usado para formá-las é o mesmo. (SAUSSURE, 1969, apud PIETROFORTE, 2015, p.82)

O princípio fundamental do sistema está justamente na interdependência de seus elementos. Isso significa que nenhum componente da língua, seja um som, uma forma ou uma construção, tem valor isoladamente. Ele só adquire sentido a partir das diferenças e das relações que mantém com os outros. De acordo com Saussure (1969, apud PIETROFORTE, 2015), o valor de cada elemento é definido por oposição aos demais, e é essa rede de oposições que sustenta o equilíbrio do sistema. A língua, portanto, funciona como uma estrutura viva, em constante relação interna, e é por meio dessas relações que ela produz significação.

A *língua*, para Saussure (1969:23-24), é um sistema de signos, em que um signo se define pelos demais signos do conjunto. Por isso, ele desenvolveu o conceito de *valor*, isto é, o sentido de uma unidade, que é definida por suas relações com outras da mesma natureza (Saussure, 1969:130-141). (SAUSSURE, 1969, apud PIETROFORTE, 2015, p.82)

Outro ponto essencial para compreender a língua enquanto sistema é o seu caráter de forma e não de substância, conforme aponta Saussure (1969, apud PIETROFORTE, 2015). A língua não se define pelo conteúdo material dos sons nem pela substância do pensamento, mas

pelas relações diferenciais que organizam esses elementos. O sistema linguístico, nesse sentido, é uma forma estruturante que organiza o conteúdo e o som dentro de um mesmo conjunto de regras. Essa característica formal é que torna a língua um instrumento capaz de expressar infinitas ideias a partir de um número limitado de unidades. Como um jogo de xadrez.

(...). O que define o que é uma rainha, não é seu formato nem o material de que a peça é feita, mas seu valor no jogo, ou seja, sua oposição em relação às demais peças: os movimentos que ela pode fazer e as outras não podem. Não importa o material de que a peça é feita, nem seu formato. No limite, pode-se até jogar xadrez de memória, sem as peças. O que tem relevância é o valor das peças. Na língua, isso também ocorre. O que importa é o valor das unidades, ou seja, sua diferença em relação às demais. (SAUSSURE, 1969, apud PIETROFORTE, 2015, p.84)

Ao considerar a língua sob essa perspectiva, observa-se que o sistema é também o que permite compreender as mudanças linguísticas. Embora a língua seja relativamente estável, o sistema está em constante reorganização interna, já que novas formas e usos surgem a partir das relações que se estabelecem entre os elementos. Assim, quando uma mudança ocorre, ela não afeta apenas uma parte isolada, mas altera o equilíbrio do todo, reorganizando as oposições e valores existentes.

A noção de sistema, portanto, revela que a língua é ao mesmo tempo estável e dinâmica: estável, porque suas regras estruturais garantem a comunicação entre os falantes, e dinâmica, porque o sistema é capaz de se ajustar às transformações naturais do uso e do tempo. Essa compreensão é fundamental para os estudos linguísticos, pois permite analisar a língua não como um conjunto fixo de normas, mas como uma estrutura viva, que se transforma e se mantém coerente através das relações entre seus elementos. Com base nessa concepção, a língua se distingue de outros fenômenos de comunicação justamente por sua natureza sistemática. Ela não depende da vontade individual, mas de um conjunto de convenções coletivas compartilhadas por toda uma comunidade linguística. É por isso que Saussure (1969, apud PIETROFORTE, 2015) diz que o sistema linguístico é uma criação social, estruturada de modo que todos os falantes possam utilizá-lo de forma compreensível e previsível.

Assim, compreender a língua enquanto sistema significa reconhecer que ela é regida por princípios de organização e interdependência. Essa estrutura permite que o falante utilize os elementos disponíveis para construir novas combinações, dentro de um modelo comum que

assegura a inteligibilidade da comunicação. O sistema linguístico, portanto, é a base sobre a qual se sustentam todas as manifestações da linguagem, sendo o eixo central que garante a existência da língua como fenômeno social, estrutural e comunicativo. Entretanto, para compreender de maneira mais detalhada essa estrutura que dá forma à língua, é necessário observar como esse sistema se organiza internamente, quais são os seus componentes e de que modo suas partes se articulam para manter o equilíbrio do todo. É a partir dessa perspectiva que se torna possível analisar o conjunto de relações que estruturam e sustentam o funcionamento linguístico (PIETROFORTE, 2015).

## **2.2 A Composição do Sistema de uma Língua**

A língua pode ser compreendida como um sistema organizado de elementos que se articulam para produzir significação. Esse sistema é composto por níveis interdependentes que atuam de modo integrado: o som, a forma, a estrutura e o sentido. Assim, a língua não é um conjunto aleatório de palavras e regras, mas uma rede de relações em que cada unidade assume valor apenas em função das demais. Compreender o sistema linguístico, portanto, significa observar como os diferentes níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico interagem para sustentar a comunicação e expressar o pensamento humano.

No plano mais elementar, encontra-se o nível fonológico, responsável pelos sons distintivos da fala. Os sons da língua resultam das modificações da corrente de ar no aparelho fonador, mas a gramática se interessa apenas por aqueles que possuem valor distintivo, isto é, capazes de diferenciar uma palavra de outra. De acordo com Rocha Lima (2022), tais sons são chamados de fonemas. A fonologia é o campo que estuda esses fonemas e as regras de sua combinação, distinguindo-se da fonética, que trata dos aspectos físicos e fisiológicos dos sons. Ambas, contudo, se complementam, pois é a análise fonética que permite identificar com precisão o inventário fonológico de uma língua.

A disciplina que estuda os sons da fala, em sua natureza física e fisiológica, denomina-se – FONÉTICA. A parte da gramática que estuda os fonemas, isto é, aqueles conjuntos de traços fônicos com que numa língua se distinguem vocábulos de significação diferente, chama-se – FONOLOGIA (ou FONÊMICA). Estes dois ramos da ciência linguística não se opõem: antes se coordenam e completam. Porque somente com apoio numa boa descrição fonética é possível depreender-se, com segurança, o quadro dos fonemas de uma língua. (ROCHA LIMA, 2022, p.45)

A partir do nível sonoro, o sistema linguístico se organiza na dimensão morfológica, em que a palavra é analisada como um conjunto estruturado de unidades menores, os morfemas. Com base na gramática de Rocha Lima (2022), cada morfema é a menor unidade dotada de significação e exerce diferentes funções dentro da palavra, podendo atuar como raiz, radical, desinência, vogal temática, tema ou afixo. A morfologia, portanto, estuda como essas unidades se combinam e se modificam para expressar categorias gramaticais e gerar novos vocábulos.

(...) o morfema *menin-* encerra a significação básica da palavra, enquanto ao morfema *a* (de *menin-a*) cabe o papel de indicar a noção gramatical de gênero feminino, e ao morfema *ice* (de *menin-ice*) ofício de formar uma palavra nova. (ROCHA LIMA, 2022, p.241).

Segundo Rocha Lima (2022), além da estrutura interna das palavras, a morfologia também abrange os processos de formação lexical, por meio da derivação e da composição. Na derivação, novas palavras são criadas pela adição de prefixos e sufixos à forma primitiva. Já na composição, ocorre a junção de dois ou mais elementos vocabulares para formar uma unidade de sentido novo. Esses mecanismos demonstram o dinamismo e a produtividade do sistema linguístico, que se renova continuamente sem romper sua coerência interna.

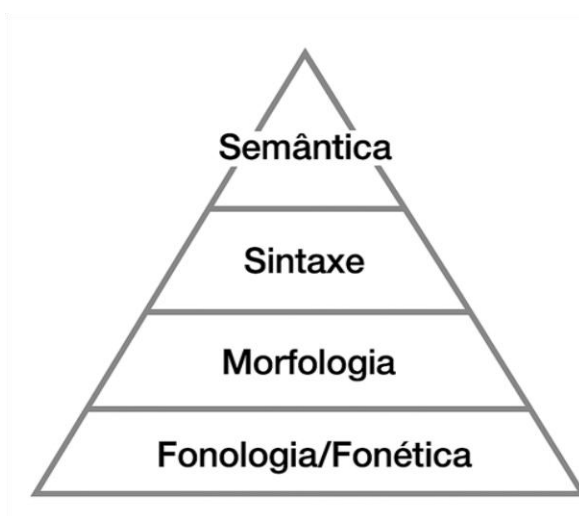
No nível seguinte, está a sintaxe, responsável pela disposição e pela relação das palavras dentro da oração e da frase. É nesse domínio que o sistema linguístico organiza a estrutura da comunicação, definindo funções e relações entre os termos. Segundo Rocha Lima (2022), a oração é a unidade que se biparte normalmente em sujeito e predicado, e é por meio dessa estrutura que o pensamento se articula linguisticamente. A sintaxe, portanto, descreve o funcionamento das combinações possíveis entre as palavras e o modo como essas combinações constroem sentido.

No topo dessa organização encontra-se o nível semântico, que diz respeito ao estudo do significado nas palavras, nas expressões e nas estruturas. A semântica é o campo da linguística

voltado à análise do sentido em diferentes níveis, considerando tanto o conteúdo quanto o contexto em que o enunciado ocorre. Seu objetivo é compreender como o significado se estabelece na relação entre o significante. Isto é, a forma sonora ou gráfica da palavra e o significado, que corresponde ao conceito ou à ideia que ela expressa.

Desse modo, a semântica investiga por que uma mesma palavra pode assumir sentidos distintos conforme o contexto e como a estrutura de um enunciado pode conduzir a interpretações variadas. Ela examina, portanto, como o sentido é construído no interior do sistema linguístico e de que modo as variações fonológicas, morfológicas ou sintáticas podem alterar o valor semântico de uma expressão. Rocha Lima (2022), observa que a distinção entre sons ou formas só tem relevância quando produz diferença de significado, o que evidencia a interdependência entre forma e sentido no funcionamento da língua. Assim, a semântica dá unidade ao sistema linguístico, pois é nela que se concretiza a função essencial da linguagem: a produção de sentido.

Figura 1- Níveis estruturais do sistema linguístico que compõem o português brasileiro.



*Fonte:* Imagem criada pela autora. Inspirada em: MIOTO, 2021.

Ao compreender a língua como um sistema, é preciso reconhecer que essa organização interna não implica rigidez ou imobilidade. Todo sistema linguístico é regido por regularidades estruturais, mas também por possibilidades de variação, que garantem sua vitalidade e adaptabilidade. Assim, mesmo mantendo uma base comum, as línguas se transformam de acordo com os contextos sociais, históricos e regionais em que são utilizadas .

Rocha Lima, ao tratar das estruturas formais da gramática, mostra que o sistema da língua é sustentado por regras, categorias e relações, mas essas mesmas regras admitem flexibilidade, variações de uso e alternâncias de forma que não rompem a inteligibilidade entre os falantes. Esse equilíbrio entre estabilidade e mudança é o que assegura o funcionamento contínuo da língua como instrumento de comunicação e identidade.

A perspectiva contemporânea dos estudos linguísticos amplia essa compreensão ao considerar que o sistema de uma língua não é uniforme, mas composto por subvariedades coexistentes, o que se denomina diassistema. Essa noção descreve o conjunto de normas e variações que compõem o português em suas diferentes manifestações regionais, sociais ou situacionais, que juntas, formam o sistema global da língua. O português brasileiro, por exemplo, constitui-se como um diassistema, resultado do contato entre múltiplas tradições linguísticas e de processos históricos de mudança e adaptação.

Dessa forma, o sistema linguístico pode ser entendido como uma estrutura dinâmica, na qual os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico mantêm relações internas de interdependência e, ao mesmo tempo, refletem a diversidade de usos reais. A regularidade garante a unidade da língua, a variação, por sua vez, assegura sua capacidade de renovação e de expressão da pluralidade cultural dos falantes.

Sendo assim, falar do “sistema de uma língua” é reconhecer simultaneamente a organização interna e a diversidade externa que o caracteriza. A língua, ao mesmo tempo em que segue princípios estruturais que a tornam compreensível, abriga diferentes formas de realização, expressando o movimento contínuo entre norma e variação, entre estabilidade e mudança, um equilíbrio que constitui sua essência como fenômeno social.

### **2.3 Língua: Modalidade Oral/Escrita**

A língua se manifesta principalmente por meio da oralidade e da escrita, duas modalidades que utilizam recursos distintos para construir sentido. Na fala, a significação depende da entonação, da interação imediata e de gestos que acompanham o enunciado, na escrita, o sentido se apoia em escolhas gráficas, pontuação, organização sintática e maior planejamento textual. Apesar dessas diferenças, as duas modalidades não funcionam como

sistemas separados, mas como formas complementares de uso da língua, determinadas pelos contextos comunicativos e pelas necessidades dos falantes.

Como já relatado no capítulo I, no português brasileiro, compreender essa relação exige considerar o processo histórico de formação da língua. Mattos e Silva (2004) demonstra que o PB não se originou apenas da transplantação do português europeu, mas emergiu de um intenso contato entre povos e culturas. A autora afirma que a variedade formada no Brasil “nasceu do encontro da ‘linguagem adulterada de negros e índios’ e da koiné portuguesa, além de outras línguas aqui chegadas” (Mattos e Silva, 2004, p. 13), o que evidencia o papel central da oralidade na constituição da língua. Essa base oral foi responsável por uma diversidade de usos que, segundo a autora, caracteriza uma variedade que “nasce com diversidade e vive e convive com ela, tanto regional como social” (Mattos e Silva, 2004, p. 21).

A escrita, por sua vez, consolidou-se posteriormente, vinculada às elites letradas e ao ensino, o que criou uma distância entre os usos cotidianos da fala e o modelo normativo escolar. É desse contraste que resulta a “situação quase diglósica” observada por Mattos e Silva (2004), marcada pela diferença entre a “língua da casa” e a “língua da escola”.

Em decorrência disso, pode-se falar hoje de uma realidade linguística clivada em que os estudantes dos estratos populares que chegam hoje à escola têm de tentar aprender a “língua da escola” como se fosse uma língua segunda, o que configura um tipo de “diglosia” que separa as ditas variantes cultas, de minorias, das variantes populares da grande maioria, aspecto esse da heterogeneidade do português brasileiro que vem sendo estudado (Kato, 1993: 20 e Corrêa, 1993), analisando-se a fala e a escrita de estudantes brasileiros. (Kato, 1993: 20 e Corrêa, 1993, apud Mattos e Silva, 2004).

A análise de Américo Venâncio Lopes Machado Filho (2003) sobre *Da fala para a escrita*, mostra como essa relação entre oralidade e escrita também se manifesta nas práticas textuais. Ao comentar a obra de Marcuschi, o autor destaca que as modalidades não podem ser entendidas como polos opostos, mas como pontos de um “*continuum* tipológico”, no qual os gêneros se distribuem de acordo com suas finalidades, graus de planejamento e condições de produção. Para Américo (2003), Marcuschi demonstra que a fala utiliza recursos como prosódia, interação imediata e construção cooperativa do discurso, enquanto a escrita mobiliza planejamento, marcas gráficas e maior controle sintático, sem que isso implique superioridade de uma modalidade sobre a outra, entretanto, utilizam o mesmo sistema.

Podemos observar a escrita marcada por regras e normas gramaticais, portanto aspectos interno da produção do sistema, enquanto a fala se viabiliza no uso do sistema, mas é influenciada por aspectos externos. O que evidencia que o sistema é adaptado a duas formas de comunicação oralidade e escrita, a primeira constituída de regras motivada pela importância de comunicação a distância, seja por espaços físicos ou temporais. A segunda relacionada com um sistema que se apresenta em contextos presenciais imediatos e que sofre influência direta das relações históricas, sociais, regionais dentre outras necessidades de uso pelo falante.

Essa aproximação entre Mattos e Silva (2004) e Américo (2003) evidencia que a distinção entre oralidade e escrita no português brasileiro não se explica por ruptura, mas pelas formas como diferentes usos da língua foram histórica e socialmente organizados. Se, por um lado, a oralidade estruturou a diversidade linguística que caracteriza o país, por outro, a escrita se institucionalizou dentro de espaços formais e normativos, influenciada por convenções escolares e decisões institucionais. Exemplos simples, como a queda do trema na ortografia oficial, a trajetória do pronome *você* (*Vossa Mercê* → *Vossemecê* → *Vosmecê* → *Vancê* / *Vossê* → *Você*), que se estabilizou na escrita depois de se difundir oralmente. Outro exemplo, é as diferentes palavras utilizadas nas regiões do país para nomear um mesmo referente, esses modelos mostram como a língua muda nas duas modalidades e como essas mudanças refletem usos sociais variados. Esses arquétipos avigoram que falar e escrever não são práticas isoladas, mas partes de um mesmo sistema linguístico, que se mantém vivo justamente porque muda conforme a história, os usos e a sociedade.

#### **2.4 Da Fala para Escrita: uma Interação Advinda de Redes Sociais**

As redes sociais podem ser compreendidas como estruturas formadas por sujeitos interconectados, cujas relações se estabelecem por meio da troca contínua de informações, conteúdos e práticas sociais. Para tanto, observa-se que a escrita possui influência direta da oralidade através do contexto social, histórico e regional de pertencimento do falante.

De acordo com o Lucidarium (2025), uma rede social “consiste em um conjunto de indivíduos ou organizações conectados entre si para compartilhar informações, ideias, interesses e conteúdos”, funcionando como um ambiente dinâmico e interativo, em que a circulação discursiva se intensifica conforme o fluxo de comunicação entre seus membros. Essas

plataformas, portanto, não se limitam a hospedar publicações, mas constituem espaços de produção discursiva e de relações sociais que afetam diretamente a maneira como interagimos, escrevemos e nos expressamos.

Nesse contexto, torna-se essencial observar como a fala e a escrita se aproximam, especialmente quando analisamos os gêneros discursivos que emergem nesses ambientes digitais. Hilgert (2021) destaca que o domínio dos gêneros discursivos se constrói no uso cotidiano da língua, e isso se manifesta igualmente nos meios digitais. Segundo o autor, “certos contextos de interação demandam gêneros que, embora de expressão escrita, são constitutivamente orais” (Hilgert, 2021, p.422). Essa afirmação evidencia que a escrita utilizada nas redes sociais frequentemente incorpora marcas próprias da oralidade.

Isso ocorre porque a comunicação digital atual especialmente em aplicativos e plataformas de troca instantânea de mensagens, favorece interações rápidas, espontâneas e pouco planejadas, semelhantes às conversas presenciais. Hilgert (2021), observa que, na internet,

(...) falar e escrever são modos distintos de enunciação determinados pelos contextos, pelas situações de vida em que as interações ocorrem. Nesse sentido, então, a oralidade, como a entendemos aqui, é um modo de ser tanto da fala quanto da escrita. (Hilgert, 2021, p.424)

O que aproxima ainda mais a escrita digital do funcionamento da fala.

(...) Exemplificando: uma conversa presencial, face a face, entre dois amigos é um gênero de expressão falada marcado pela oralidade, como também é marcada pela oralidade uma conversa por WhatsApp, que é de expressão escrita. (Hilgert, 2021, p.424)

A oralidade, nesses espaços, não se limita ao modo como os sujeitos falam, mas também ao modo como escrevem, sobretudo quando recorrem a uma escrita que simula a conversa cotidiana. Nesse sentido, o autor argumenta que “a instância da oralidade das interações, seja falando, seja escrevendo, é muito mais do que um modo de expressão linguística.” (Hilgert, 2021, p. 424). A escrita nas redes sociais se torna, assim, um prolongamento da fala, reproduzindo ritmos, pausas, entonações e até efeitos de presença, mesmo na ausência física dos interlocutores.

O autor também demonstra que determinados gêneros das redes sociais se aproximam fortemente do polo da fala, como ocorre nas conversas no WhatsApp, Facebook e Twitter, em que “as interações vão sempre intensificadas pela ação conjunta dos enunciadores” (Hilgert,

2021, p. 425). A velocidade, a informalidade e a fragmentação, características constitutivas das interações digitais, reforçam essa proximidade entre fala e escrita.

Nessa perspectiva, as redes sociais constituem um espaço em que a escrita adquire traços tipicamente orais, como espontaneidade, subjetividade, marcas de emoção, repetições, hesitações e construções sintáticas pouco planejadas. Hilgert (2021), diz que “os enunciados marcados pela oralidade recebem valor positivo ou negativo conforme a situação”, o que indica que a presença da oralidade pode ser interpretada tanto como um recurso expressivo quanto como marca de informalidade.

Compreender a relação entre fala e escrita nas redes sociais implica reconhecer que esses ambientes fomentam gêneros híbridos, que não pertencem exclusivamente ao domínio da oralidade nem ao da escrita institucionalizada. Nas palavras do autor, “a linguagem na internet se realiza numa zona intermediária entre a fala e a escrita” (Hilgert, 2021, p. 426), revelando a complexidade das interações digitais contemporâneas. Contudo, observa-se que o conhecimento do sistema não está dissociado do gênero híbrido que nasce desse modo de comunicação.

Desse modo, ao analisar a comunicação nas redes sociais, torna-se evidente que a escrita nesses espaços não é puramente gráfica, mas profundamente atravessada por marcas da fala. É nesse trânsito da fala para a escrita que se consolidam novas formas discursivas, configuradas pela instantaneidade, dialogicidade e copresença simbólica que caracterizam os ambientes digitais, ao mesmo tempo consolida a presença de um sistema, principalmente de base fonética acentuada por palavras com sons marcados fonologicamente.

A relação entre os falantes em redes sociais traz a brasilidade característica do imenso território chamado Brasil. Reforça a identidade unívoca do sistema e ao mesmo tempo constrói uma rede de significados identitários, caracterizado pela heterogeneidade inserida na homogeneidade sistêmica.

## **2.5 Do Sistema ao Diassistema**

O estudo do português brasileiro (PB) revela um quadro de profunda heterogeneidade linguística, resultante de múltiplos fatores históricos, sociais e culturais que moldaram a língua em território nacional. Segundo Lucchesi (1994, p. 27), o PB “não pode ser analisado como um sistema unitário, mas um sistema plural, mais precisamente um diassistema, constituído por pelo

menos dois subsistemas, também eles heterogêneos e variáveis, que defini aqui como normas”. Esses subsistemas correspondem às chamadas norma culta e norma vernácula, que coexistem em permanente tensão e interinfluência, expressando a polarização sociolinguística da sociedade brasileira.

A teoria do diassistema, originalmente formulada por Weinreich (1954) e ampliada por Labov, entende a língua como um sistema multiestratificado no qual diferentes dialetos, estilos ou variedades são funcionalmente disponíveis aos falantes de uma comunidade. Weinreich (1954, p. 390) exemplifica que um diassistema pode ser construído a partir de dois sistemas que apresentam semelhanças parciais, sendo essas semelhanças que o tornam diferente da mera soma de dois sistemas. Ele destaca ainda que os diassistemas são vivenciados de maneira concreta por falantes bilíngues, correspondendo ao que estudiosos de contato linguístico chamaram de “sistema mesclado”.

Labov (1966, p. 95–104) propõe que o falante é capaz de alternar entre estratos linguísticos de acordo com fatores sociais, estilísticos e situacionais, caracterizando o sistema linguístico como ordenadamente heterogêneo, e não como um conjunto caótico de variações. Assim, a heterogeneidade é constitutiva da estrutura da língua, e o diassistema oferece o arcabouço teórico que permite compreender a coexistência e interação entre normas e dialetos.

A teoria linguística estrutural agora precisa de procedimentos para construir sistemas de um nível superior a partir dos sistemas discretos e homogêneos que são derivados da descrição e que representam cada organização formal única da substância da expressão e do conteúdo. Vamos chamar essas construções de ‘diassistemas’, com a condição de que as pessoas alérgicas a tais cunhas possam falar com segurança de supersistemas ou simplesmente de sistemas de um nível superior. Um ‘diassistema’ pode ser construído pelo analista da língua a partir de quaisquer dois sistemas que tenham semelhanças parciais (são essas semelhanças que o tornam algo diferente da mera soma de dois sistemas). Mas isso não significa que seja sempre uma construção apenas de um cientista: um ‘diassistema’ é vivenciado de uma maneira muito real por falantes bilíngues (incluindo ‘bidialetais’) e corresponde ao que os estudantes de contato linguístico chamaram de ‘sistema mesclado’. Assim, podemos construir um ‘diassistema’ a partir de vários tipos de ídiche em que uma variedade que possui a oposição / i ~ I / se opõe a outra variedade com um único fonema / i /. (WEINREICH, 1954, p. 390 apud VIEIRA; MOTA, 2021, p. 137)

A compreensão desse caráter múltiplo do PB é reforçada por Mattos e Silva (2004), que demonstra que a história sociocultural brasileira criou condições propícias, para a emergência de

uma língua estruturada pela diversidade. Para a autora, a formação do PB ocorreu em meio a intensos processos de contato entre povos e tradições linguísticas distintas, resultando em um cenário no qual a variedade não é exceção, mas fundamento.

Essa interpretação evidencia que o PB se constituiu como um espaço multilíngue, permeado por interações que produziram diferentes formas de falar e escrever, todas funcionando dentro da mesma comunidade linguística. Essa visão dialoga diretamente com a reflexão de Weinreich sobre o contato entre sistemas linguísticos. O autor argumenta que, quando falantes de variedades distintas interagem, há transferência de formas, regras e percepções linguísticas. A influência recíproca entre idioletos demonstra que os sistemas não permanecem isolados: eles se ajustam mutuamente, produzindo formas híbridas e reorganizações internas no repertório dos falantes. Assim, o contato linguístico gera não apenas empréstimos pontuais, mas estruturas coexistentes que passam a integrar o uso cotidiano e moldam o funcionamento do sistema linguístico como um todo.

(...) a transferência ocorre entre dois idioletos isolados, homogêneos. Pra Paul, a “mistura de línguas” (incluindo misturas de dialetos, p.402) surge quando dois indivíduos, cada um por definição falando seu próprio idioleto, se comunicam entre si. Quando isso acontece, “o falante influencia as imaginações linguísticas relevantes (Vorstellungsmassen) do ouvinte” (Weinreich p. 390). Assim, ocorre ou intercurso de idioletos não idênticos, ou modificação de idioletos por mútua influência. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1966 apud BAGNO, p.92)

Com isso, Weinreich mostra que as línguas e dialetos coexistem funcionalmente dentro das comunidades, formando sistemas que não se anulam, mas interagem de modo estruturado. Ele demonstra que falantes podem alternar entre formas antigas e inovadoras, entre padrões prestigiados e não prestigiados, revelando que a heterogeneidade é uma característica interna do sistema.

A noção de diassistema também se articula com a ideia de sistemas coexistentes descrita pelo autor. Ele evidencia que comunidades de fala frequentemente possuem diferentes formas linguísticas concorrentes, e que essas formas são compreendidas pelos falantes, mesmo quando não são produzidas por todos. Essa coexistência é possível porque os falantes reconhecem o valor social, estilístico ou identitário de cada variedade, alternando entre elas conforme as exigências da interação. Assim, o diassistema não é apenas um conjunto de normas divergentes, mas um arranjo funcional que permite que múltiplos estratos convivam dentro do mesmo repertório.

(...) Estas formas coexistentes podem ser conhecidas como “estilos”, mas também como “padrões”, “gírias”, “jargões”, “jeito antigo de falar” (“old talk”), “níveis culturais” ou “variedades funcionais”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1966 apud FARACO, p.96-97)

Labov reforça essa compreensão ao indicar que a variação linguística é sistemática e socialmente condicionada. Para o autor, a heterogeneidade não compromete a organização da língua, ao contrário, ela emerge como parte de seu funcionamento estrutural. Os falantes mobilizam diferentes variantes conforme fatores como formalidade, identidade, prestígio ou grupo social, demonstrando que o repertório linguístico é organizado em camadas que se sobrepõem. Essa visão confirma que diferentes normas linguísticas não competem pela sobrevivência, mas pela adequação contextual, o que torna a variação um componente central do sistema.

Propõe, então, que o axioma da homogeneidade seja abandonado, instaurando-se em seu lugar o axioma da heterogeneidade ordenada. Buscam assim caminhos teóricos para harmonizar os fatos da heterogeneidade (a língua como uma realidade inerentemente variável) com a abordagem estrutural (a língua como uma realidade inerentemente ordenada). (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1966 apud FARACO, p.13)

Dessa maneira, compreender o PB como um diassistema significa reconhecer que sua organização interna se apoia na coexistência e interação entre vários estratos linguísticos. A língua funciona como um sistema em permanente reconstrução, no qual normas, estilos e variedades se influenciam reciprocamente, produzindo um repertório complexo, estratificado e historicamente situado.

## **2.6 O Estudo da Heterogeneidade: Sociolinguística e Dialetoлогия**

A heterogeneidade constitutiva do português brasileiro, amplamente reconhecida pelos estudos da variação, exige abordagens capazes de interpretar a diversidade de formas linguísticas e os fatores que moldam sua distribuição social e espacial. Com base nas reflexões de Almeida, Silva e Duarte (2023), compreende-se que a Sociolinguística e a Dialetoлогия se complementam ao investigar como as variedades emergem, se estruturam e circulam nas comunidades de fala. Embora partam de tradições metodológicas distintas, ambas reconhecem que a língua se organiza por múltiplos condicionamentos sociais, geográficos, estilísticos e históricos que configuram um sistema dinâmico e multifacetado.

As autoras destacam que transformações recentes no perfil das comunidades de fala e nos contextos de circulação linguística têm exigido a revisão de pressupostos teórico-metodológicos formulados em períodos anteriores. Fatores como ampliação da escolarização, maior acesso à mídia e intensificação da mobilidade social modificaram a distribuição das variantes e dificultam a aplicação de modelos que partiam da ideia de comunidades estáveis e homogêneas.

ALMEIDA, SILVA, DUARTE (2023) afirmam que:

(...) Alguns princípios teóricos já não se sustentam, como, por exemplo, o comportamento conservador das mulheres e inovador dos homens e o locus das inovações nos mais jovens e nos grandes centros. Com o acesso cada vez maior à educação formal e à mídia e com a mobilidade socioespacial comum atualmente, não se pode mais deixar de considerar as migrações e os contatos linguísticos (seja de falares ou de línguas distintas) como integrantes do perfil dos falantes. (ALMEIDA, SILVA, DUARTE, 2023, s/p.)

No âmbito da sociolinguística, Almeida, Silva e Duarte (2023) observam que a variação está associada a variáveis sociais como idade, gênero, escolaridade, mobilidade e redes de interação. Por isso, defendem a importância de métodos que capturem a língua em uso e de análises que considerem a relação entre mudança e estabilidade, ressaltando que a variação não é aleatória, mas associada a padrões sociais reconhecíveis.

(...) é preciso rever a metodologia da coleta de dados, o perfil da comunidade e dos informantes, o estabelecimento de variáveis linguísticas, sociais e espaciais. (ALMEIDA, SILVA, DUARTE, 2023, p. 289)

A dialetologia, por sua vez, contribui ao mapear diferenças regionais e identificar áreas linguísticas a partir de fenômenos fonéticos, lexicais e morfossintáticos. Entretanto, conforme apontam as autoras, a descrição diatópica contemporânea não pode desconsiderar processos sociais como migrações, contatos inter-regionais e circulação de falantes, que redefinem continuamente as fronteiras dialetais e a distribuição das variantes.

(...) não se pode mais deixar de considerar as migrações e os contatos linguísticos (seja de falares ou de línguas distintas) como integrantes do perfil dos falantes. Além disso, buscou-se discutir também como efetivar as contribuições da Sociolinguística e da Dialectologia para o ensino de português a nativos e a estrangeiros, pois o estabelecimento de diretrizes em documentos oficiais não tem garantido lugar para uma abordagem eficaz da variação e da mudança linguística em sala de aula. ALMEIDA, SILVA, DUARTE, 2023, p. 289-290)

Essas discussões levam à necessidade de repensar noções tradicionais, como a de comunidade de fala. As autoras indicam que a mobilidade crescente dos falantes produz repertórios híbridos e complexos, que já não se ajustam ao modelo que vinculava rigidamente a variedade linguística ao local de origem. Nesse sentido, destacam que até mesmo a própria ideia de comunidade isolada se torna problemática nas condições sociais atuais, o que desafia formas clássicas de delimitação dialetal e exige novas interpretações sobre a circulação das variantes (ALMEIDA; SILVA; DUARTE, 2023).

Além disso, a literatura recente destaca o caráter interdisciplinar do estudo da heterogeneidade, articulando contribuições da sociologia, geografia, estatística, antropologia, educação e estudos culturais. Para Almeida, Silva e Duarte (2023), esse diálogo amplia a compreensão das dinâmicas sociais que interferem na variação linguística e aponta para a necessidade de integrar novas tecnologias, promover estudos comparativos e fortalecer práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística.

É urgente, portanto, rever os procedimentos metodológicos (pensando, inclusive, em coletas alternativas), incorporar as novas tecnologias, realizar mais estudos comparativos e ampliar as formas de divulgação dos resultados para que ultrapassem os círculos acadêmicos e cheguem à sociedade como um todo e, sobretudo, aos envolvidos com o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. ALMEIDA, SILVA, DUARTE, 2023, p. 299)

As reflexões de Almeida, Silva e Duarte (2023) mostram que o estudo da heterogeneidade no português brasileiro depende da articulação entre sociolinguística e dialectologia. Juntas, as duas áreas do conhecimento permitem compreender como as variedades se distribuem, convivem e se transformam no cotidiano dos falantes, revelando a complexidade que caracteriza o funcionamento real da língua no país.

#### 4 CAPÍTULO III – BRASIL BRASILEIRO: UMA COLCHA DE RETALHOS

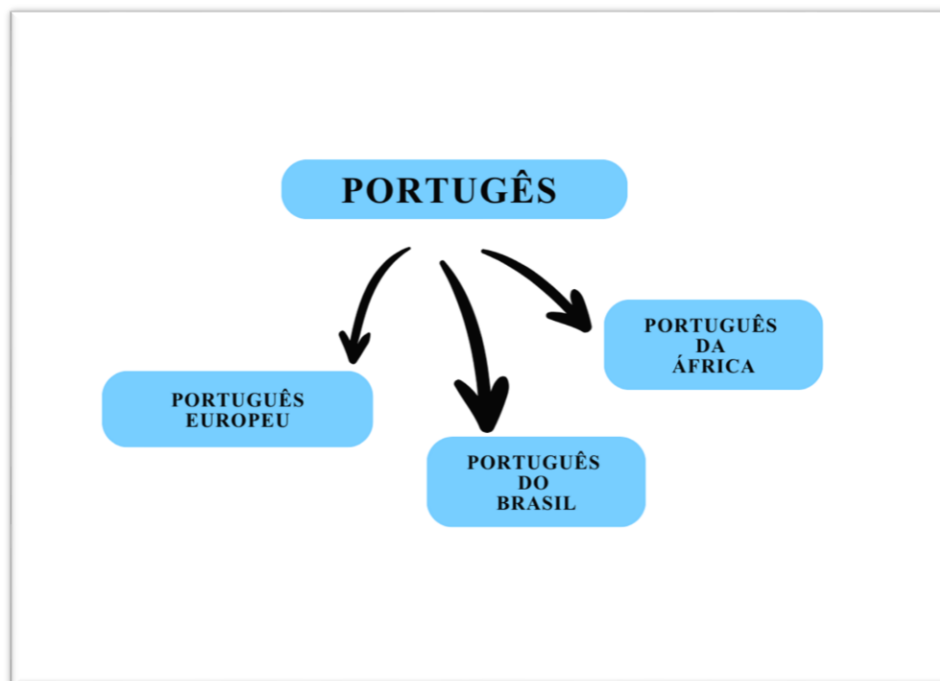
**Passeando pelas cercanias do Amazonas  
conheci vastos seringais  
no Pará, a ilha de Marajó  
e a velha cabana do Timbó  
caminhando ainda um pouco mais  
deparei com lindos coqueirais  
estava no Ceará, terra de Irapuã  
de Iracema e Tupã.**  
(Aquarela Brasileira, Silas de Oliveira, 1964)

A formação do Brasil e do português falado em seu território resulta do encontro muitas vezes assimétrico e conflituoso entre populações diversas que se estabeleceram em épocas e condições distintas. A presença portuguesa, inicialmente pela faixa litorânea, a ampla diversidade e persistência das populações indígenas. A chegada massiva e heterogênea de africanos escravizados e as migrações de europeus e asiáticos nos séculos XIX e XX criaram uma colcha de retalhos social que se reflete diretamente nas variações regionais do português brasileiro.

O sistema da língua portuguesa no Brasil não se estabelece a partir de uma relação reducionista da presença do português europeu, como dominante e determinante em nossa forma de comunicação. Compreendemos a existência de um sistema de língua portuguesa que se estabeleceu no território brasileiro, contudo, esse sistema não se reduz a diferenças entre Portugal e Brasil, mas a uma língua chamada portuguesa, construída historicamente através das transformações do latim vulgar, e, que não permanece, nem mesmo em seu lugar de origem igual ao passado.

É a partir dessa perspectiva que podemos evidenciar que a língua portuguesa não nasce homogênea e pronta, ela se desloca com os falantes. Pois, ao chegar ao Brasil, o português europeu não se manteve como réplica de Portugal, assim como também não permaneceu idêntico quando levado para o continente africano, apesar de compartilharem a mesma matriz histórica, cada território construiu a sua própria realidade linguística a partir da convivência entre povos, culturas e situações sociais distintas.

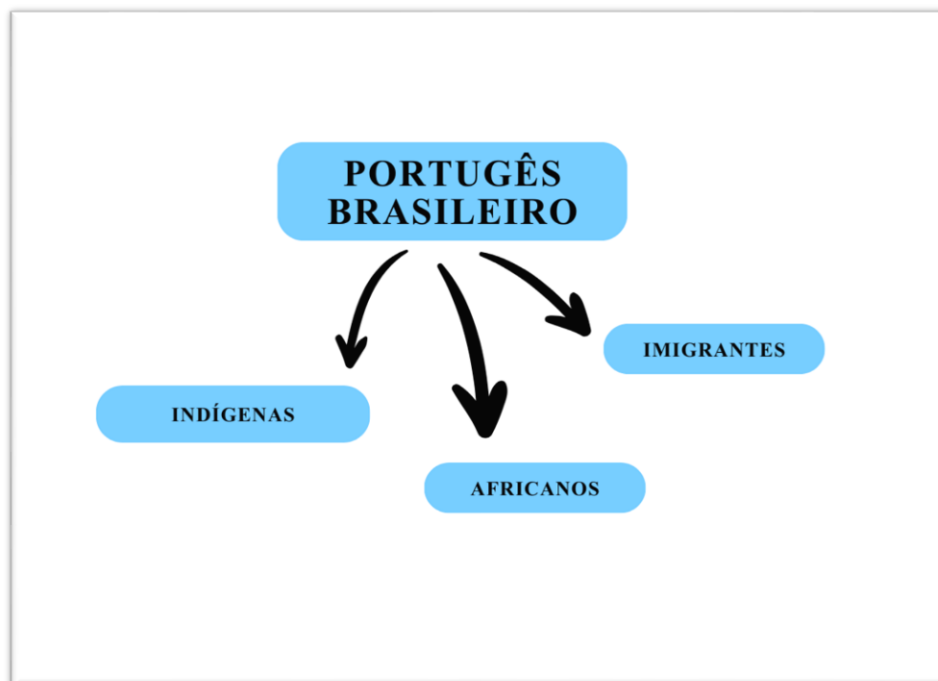
Figura 2: Deslocamento Colonial do Português e seus Destinos Linguísticos



*Fonte:* Imagem criada pela autora.

A língua que se estabelece no Brasil não é produto exclusivo do português europeu, ela se constrói a partir do contato com povos indígenas, com africanos escravizados e com fluxos de imigração posteriores. Esses encontros não foram superficiais, eles criaram novas formas de falar, novos léxicos, novos modos de organizar frases e de atribuir sentido ao mundo. Essa mistura não se deu de maneira pacífica, mas assimétrica e muitas vezes violenta, garantindo que o português brasileiro herdasse traços de resistência, adaptação e reinvenção. A diversidade que hoje observamos no país não nasce de improviso: ela tem raízes históricas e sociais profundas.

Figura 3: Matrizes que Constituem o Português Brasileiro

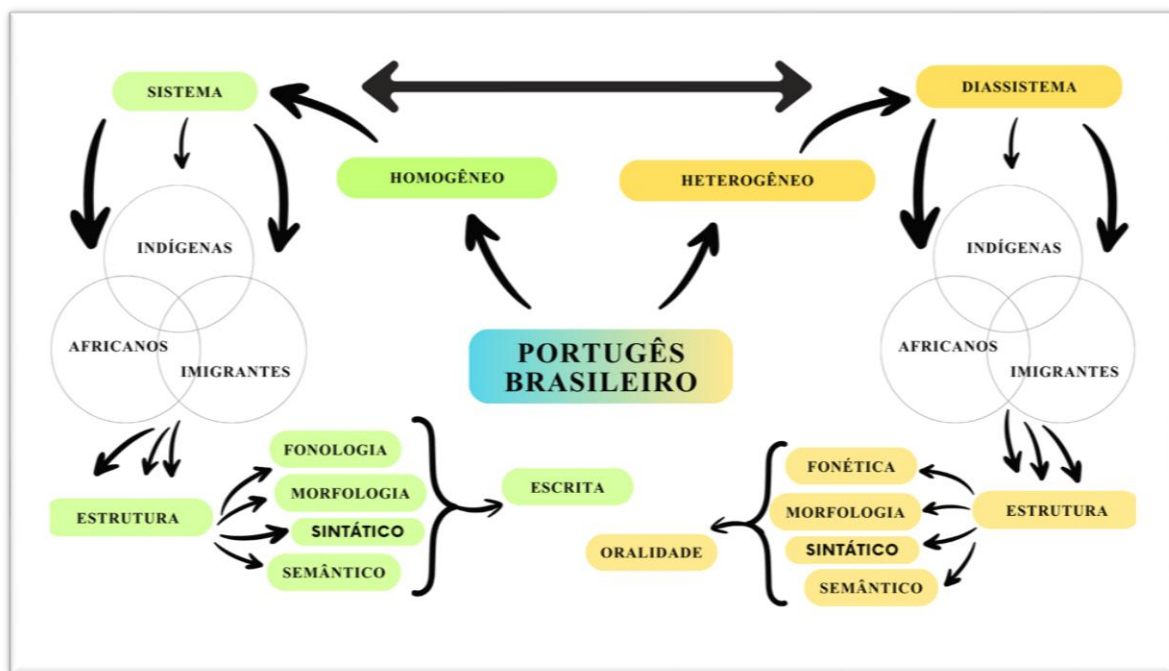


*Fonte:* Imagem criada pela autora.

O português brasileiro só pode ser compreendido como movimento entre sistema e diassistema. O sistema garante a base homogênea da língua: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, permitindo inteligibilidade e regularidade. Porém, quando essa estrutura entra em contato com a vida real dos falantes, ela se realiza no diassistema, onde a heterogeneidade se manifesta: fonética, variações morfológicas, escolhas sintáticas e sentidos associados à oralidade.

Os níveis estruturais se mantêm, mas seus realizadores variam, especialmente na oralidade. É no diassistema que a história social dos indígenas, africanos e imigrantes aparece de forma concreta, produzindo diferentes maneiras de falar e significar. A heterogeneidade não ameaça o sistema: ela o alimenta. Sistema e diassistema não se opõem, eles se retroalimentam. A escrita tende a estabilizar, enquanto a oralidade impulsiona a inovação. A heterogeneidade não rompe o sistema, ela é o motor da sua continuidade. A língua brasileira vive nesse movimento permanente entre estrutura e uso, entre estabilidade e mudança, entre escrita normativa e oralidade social. O português brasileiro existe nesse equilíbrio dinâmico. A figura a seguir sintetiza essa ideia:

Figura 4: Interação Entre Sistema e Diassistema no Português Brasileiro



Fonte: Imagem criada pela autora.

A partir dos diferentes grupos linguísticos que formam o português brasileiro, o léxico representa sua maior contribuição, são marcas linguísticas que acompanham os mapas de presenças indígenas, a chegada dos diferentes povos africanos e a presença dos imigrantes em diferentes regiões do Brasil.

Sob essa perspectiva observa-se que as marcas linguísticas são mais incidentes em regiões onde a presença dos três grupos linguísticos foi maior. Entretanto vários usos linguísticos atingiram todo território, tornando-se parte integrante da fala do brasileiro.

Nesse espaço, apresentamos léxico de base tupi, relacionado a Estados, em que são utilizados.

Quadro1: Dados Lexicográficos e Toponímicos de Tupi.

Nome tupi-guarani	Significado no dicionário do tupi antigo
Abaeté (lagoa)no bairro de Itapuã, em Salvador, na Bahia.	Terrífico, horroroso.
Andaraí, rio é um município do estado da Bahia	Dos morcegos.
Aracaju capital do estado de Sergipe.	Cajueiro dos ararás/ papagaio.
Araçatuba município no interior do estado de São Paulo.	Ajuntamento de araçás.
Araraquara município no estado de São Paulo.	Toca de araras.
Araruama situado no interior do estado do Rio de Janeiro.	Lugar de araras beberem água.
Atibaia é um município no estado de São Paulo.	Cabelo crescido que os índios tinham sobre as orelha.
Bariri é um município do interior do estado de São Paulo (Bauru).	Coisa que treme, isto é, corrente veloz de rio em trecho de grande desnivelamento.
Barueri é um município da Região Metropolitana de São Paulo.	Flor Vermelha.
Bauru é um município do interior do estado de São Paulo.	Cesto de frutas.
Botucatu é um município do estado de São Paulo	Serra boa.
Butantã é um distrito situado na zona oeste do município de São Paulo.	Terra muito boa.
Caçapava é um município brasileiro do estado de São Paulo.	Lugar de se atravessar a mata.
Caraguatatuba é um município no litoral norte do estado de São Paulo.	Ajuntamento de gravatás.
Catanduva é um município brasileiro do estado de São Paulo.	Ajuntamento de mata dura, isto é, de cerrado.
Curitiba é um município brasileiro, capital do estado do Paraná.	Ajuntamento de pinheiros.
Ibirapuera é um bairro nobre localizado na região paulista.	Árvores velhas.
Iguaçu banha o estado do Paraná e é o maior rio do Paraná.	Rio grande.
Iguatemi banha o estado de Mato Grosso do Sul.	Rio das canoas emproadas.
Ipiranga é um rio que banha o estado de São Paulo.	Rio vermelho.
Itaipu bairro da cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.	Rio barulhento das pedras.
Itamarati é um município no interior do estado do Amazonas.	Rio das pedras pequenas.
Itapetinga é um município brasileiro no interior da Bahia.	Pedra achatada branca.
Itaporanga é um município do estado de São Paulo.	Pedra bonita.
Itatiaia é um município brasileiro do Estado do Rio de Janeiro.	Pedra cheia de pontas.
Itatiba é um município do estado de São Paulo.	Ajuntamento de pedras.
Tijuca é um bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro.	Brejo, água podre.
Ponta Porã é um município brasileiro do estado de Mato Grosso do Sul, Região Centro-Oeste do país. Faz divisa com a cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai.	Ponta bonita.
Sorocaba é um município brasileiro no interior do estado de São Paulo.	Rasgadura (da terra).
Votorantim é um município no interior do estado de São Paulo	Morro pontudo.
Votuporanga é um município brasileiro do estado de SP,	Morro Bonito.

Fonte: BELIZÁRIO; SOUZA, 2022.

O quadro abaixo apresenta as lexias relacionadas com Estados e ao mesmo demonstra a presença de termos advindos da África compondo o repertório léxico do português brasileiro. A presença Africana confirma que historicamente foi o maior difusor do português que hoje falamos.

Quadro 2: Lexias de Origem Africana

VERBETE	ORIGEM/ SIGNIFICADO
BABA	(banto) 1. (BA) – s.m. partida de futebol jogada na rua ou na praia.
BAGUNÇA	(banto) (BR) –s.f. desordem, confusão, baderna, remexido, pândega ruidosa
CACHAÇA	(banto) 1. (BR) –s.f. aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel ou borras do melaço; qualquer bebida alcóolica.
CACHIMBO	(banto) 1. (°PO) –s.m. pipo de fumar.
CAÇULA	(banto) 1. (BR) –s. 2gen. o mais novo dos filhos ou dos irmãos.
CALANGO	(banto) (BR) –s.m. lagarto maior que lagartixa
CANGA	(banto) (BR) –s.f. tecido usado como saída de praia.
CANJICA	(banto) 1. (BA) –s.f. papa de milho verde ralado a que se junta leite de coco, açúcar, cravo e canela.
CATINGA	(banto) 1. (BR) –s.f. cheiro fétido e desagradável do corpo humano, de certos animais e de comidas deterioradas.
FUXICO	(banto) 1. (BR) –s.m. remendo, alinhavo de agulha e linha. 2 (°BR) –s. mexerico, intriga, segredo
MANGAR	(banto) (BR) –v. zombar, troçar, vangloriando-se; caçoar, afetando seriedade.

Fonte: Pessoa de Castro (2001).

O quadro a seguir apresenta lexias do português brasileiro cuja origem está vinculada ao contato linguístico com comunidades imigrantes. Esses vocábulos, incorporados ao uso cotidiano, evidenciam a dinâmica sociocultural da língua, revelando como processos históricos de mobilidade humana influenciam o léxico e ampliam a diversidade linguística nacional.

Quadro 3: Lexias de Origem Imigrantes

VERBETE	ORIGEM/ SIGNIFICADO
CARAOQUÊ	(Japão) 1. (BR) – s.m. Entretenimento, geralmente em bares ou restaurantes que oferecem aos clientes a oportunidade de subir ao palco e cantar ao microfone acompanhados por músicos ou por fundo musical gravado anteriormente; karaoke, karaokê.
ORIGAMI	(Japão) 1. (BR) –s.m. Arte tradicional japonesa que utiliza dobraduras de papel para formar figuras representativas de animais, flores e objetos variados.
JARDIM	(França) 1. (BR) –s.m. Terreno, geralmente contíguo a uma casa ou a um edifício, onde se cultivam flores, arbustos e árvores de pequeno porte para ornamentação ou estudo, muitas vezes usado como área de lazer.
TSUNAMI	(Japão) 1. (BR) –s.m. Grande onda ou sucessão de ondas marinhas que se deslocam em alta velocidade e que se tornam catastróficas ao atingir profundidades menores, invadindo as praias. Esse fenômeno é decorrente, principalmente, de abalos sísmicos no fundo do oceano, de erupção vulcânica ou, ainda, de deslizamento, com grandes avalanches submarinas.
SALSICHA	(Itália) 1. (BR) – s.f. Cul. Tripa fina e curta, que se enche com carne moída e prensada, misturada a temperos.
PANETONE	(itália) 1. (BR) – s.m. Cul. Bolo de massa fermentada, enriquecido com frutas cristalizadas e passas, geralmente consumido em festas natalinas.
BLITZ	(Alemão) 1. (BR) – s.f. Hist. Mil. Ataque aéreo relâmpago e inesperado.
POLTRONA	(Itália) 1. (BR) – s.f. Cadeira de braços, geralmente estofada; fauteuil.
MACARRÃO	(Itália) 1. (BR) – s.m. Massa alimentícia feita de farinha de trigo, ovos e água, em forma de longos canudos ou com outros formatos.
CHOPE	(Alemão) 1. (BR) – s.m. Cerveja fresca mantida em barril sob pressão e servida gelada.

Fonte: Quadro criado pela autora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, não busquei desconstruir o português europeu nem negar o sistema que o sustenta. Não pretendi desmontar estruturas ou propor rupturas radicais. Minha intenção foi outra: demonstrar que, dentro da homogeneidade compõe o sistema, estruturado em bases fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que nos permite compreender uns aos outros, existe uma heterogeneidade viva, aqui compreendida como diassistema. Essa heterogeneidade não constitui erro, ruído ou falha a ser corrigida, ela é constitutiva, histórica e identitária. É ela que confere ao português brasileiro a textura múltipla que o caracteriza.

O português brasileiro é um filho desobediente que não rompe com o português europeu, apenas não o replica de forma ortodoxa. A língua acolhe percursos não lineares pelos quais os falantes historicamente precisaram transitar. Indígenas reinventaram lexias, africanos reelaboraram estruturas de oralidade e imigrantes adaptaram formas para sobreviver no contato cotidiano. A língua, neste território, não se formou pela docilidade, mas pela negociação. A base estrutural foi herdada, mas os usos foram produzidos no contato. O sistema não desapareceu: foi atravessado por experiências linguísticas diversas que originaram um diassistema rico, dinâmico e plural.

Ao reconhecer esse processo, compreendi que a língua não é um território de disputa entre vencer e perder. Não desejo destruir a norma, mas olhar para além dela. Não procuro negar à gramática, procuro mostrar que há vidas que pulsam entre as regras. O diassistema não anula o sistema, ele o revela em sua totalidade histórica. A heterogeneidade não ameaça a unidade, constitui a engrenagem que a impulsiona. É na coexistência entre ordem e variação, entre o ortodoxo e o inortodoxo, que a língua se materializa como prática humana.

Os resultados indicam que o português brasileiro apresenta uma base estrutural comum, mas se realiza de modo múltiplo e dinâmico, configurando um diassistema que não representa erro, mas expressão legítima das identidades dos falantes. Conclui-se que sistema e diassistema se retroalimentam continuamente, evidenciando que a heterogeneidade é constitutiva da língua no Brasil.

Este trabalho não é um protesto, mas uma reconciliação: com a língua que falo, com a história que a teceu e com a Vandressa que um dia acreditou não pertencer a um grupo. Compreendi que o português brasileiro não nasceu para ser obediente: nasceu para ser inteiro. E

ser inteiro, aqui, significa ser múltiplo. Não nego o sistema que nos une, apenas reconheço o diassistema que nos constitui.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Uana Vanessa Pinheiro de; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; BARREIROS, Patrício Nunes. **Da Angola para a Bahia: permanências do léxico banto**. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 57–66, 2018. DOI: 10.13102/cl.v19i2.2033.
- ALBERNAZ II, João Teixeira. Atlas do Brasil. 1666. Fundação Biblioteca Nacional. [mapa digital]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- ALMEIDA, Eliana; SILVA, Eliete Figueiredo da; DUARTE, Mônica. **Variação linguística: perspectivas da Sociolinguística e da Dialetoлогия**. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 283–302, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v23n1a40156> Acesso em: 15 nov. 2025.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BARBOSA, Oldack. **A formação sócio-histórica do português brasileiro e a transmissão linguística irregular (TLI)**. 2020. PDF.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1983.
- BRASIL ESCOLA. *Brasil Colônia*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/brasil-colonia.htm>. Acesso em: 15 nov. 2025.
- CARTWRIGHT, Mark. **Portuguese Brazil**. World History Encyclopedia, 2023. Disponível em: [https://www.worldhistory.org/Portuguese\\_Brazil/](https://www.worldhistory.org/Portuguese_Brazil/). Acesso em: 16/11/2025.
- FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Imigrantes na cidade e no campo**. 2023. Atlas FGV — **Do escravo ao imigrante**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/do-escravo-ao-imigrante/mapas/imigrantes-na-cidade-e-no-campo>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- GIMENES, Ravel. **Mapa – Povos Tradicionais Brasileiros (não-indígenas)**. Blog *Ravel Gimenes — Fotografia e História: Lugares, Momentos e Histórias do Noroeste Paulista*, 5 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ravelgimenes.com.br/2021/04/mapa-povos-tradicionais-brasileiros-nao.html>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- GOOGLE. **Extensão territorial do Brasil – resultados da pesquisa**. Disponível em: <https://share.google/b3wae1Bp1AyWj86pe>. Acesso em: 15 nov. 2025.

HILGERT, José Gaston. **A oralidade nas redes sociais: conceitos e características à luz da enunciação**. *Calidoscópico*, v. 19, n. 3, 2021.

IBGE EDUCA. **Divisão territorial do Brasil**. Disponível em:

<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-territorio/19637-divisao-territorial.html>. Acesso em: 15 nov. 2025.

IBGE. **Estimativas de população**. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html>.

Acesso em: 15 nov. 2025.

IWGIA – International Work Group for Indigenous Affairs. **Indigenous Peoples in Brazil 2024**. 2024.

Disponível em: <https://iwgia.org/en/brazil/5378-iw-2024-brazil.html>.

Acesso em: 16/11/2025.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus (orgs.). **Estudos da diversidade linguística**. Salvador: EdUNEB, 2016.

LUCIDARIUM. **Conceito de rede social: origem, definição e significado**. Disponível em:

<https://lucidarium.com.br/conceito-de-rede-social-origem-definicao-e-significado/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. *Revista da ANPOLL*, n. 15, p. 223–229, jul./dez. 2003.

MEGA INTERESSANTE. **Curiosidades**. Mega Interessante, 2025. Disponível em:

<https://www.megainteressante.com.br/links-categoria/curiosidades/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa — “blitz”**. Michaelis On-line.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/blitz/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa — “caraoquê”**. Michaelis On-line.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caraoque%C3%AA/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa — “chope”**. Michaelis On-line.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/chope/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** — “jardim”. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Jardim/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** — “macarrão”. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/macarr%C3%A3o/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** — “origami”. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/origami/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** — “panetone”. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/panetone/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** — “poltrona”. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/poltrona/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** — “salsicha”. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Salsicha/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** — “tsunami”. Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tsunami/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MIOTO, Ana Clara de Andrade. **Linguística e Processamento de Linguagem Natural: entenda a conexão**. Alura, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://www.alura.com.br/artigos/relacao-linguistica-processamento-de-linguagem-natural#niveis-de-conhecimento-ou-piramide-de-nlp>. Acesso em: 15 nov. 2025.

MOLLICA, Maria Cecília. **Sociolinguística, variação e mudança**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **A língua como objeto da linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística: I. objetos teóricos**. 6. ed., 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 61. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

ROCHA, Warley José Campos. **Um olhar panorâmico para o pronome você: retratos do passado ao presente que subsidiaram um estudo sociofuncional**. Estudos da Língua(gem), v. 19, n. 4, 2021.

SANTANA, Abdon Mendes Borges. **Nós e a gente: um retrato do português popular de Salvador**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2014.

SANTOS, Janete Fernandes Suzart da; LOPES, Norma da Silva. **A variação linguística na fala de líderes negras em Salvador**. In: **Variação e identidade no português do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA. **Geografia — Os indígenas na formação do Brasil**. Disponível em:

[https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino\\_fundamental/geografia-os-indigenas-na-formacao-do-brasil/](https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/geografia-os-indigenas-na-formacao-do-brasil/). Acesso em: 23 nov. 2025.

SIGNIFICADOS. **Mapa do Brasil**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/mapa-do-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

SOUZA, Constância. **A concordância verbal na fala de Salvador**. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan (orgs.). **Estudos da diversidade linguística do português brasileiro**. Salvador: UNEB, 2014.

TODAMATERIA. **Oralidade e escrita**. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/oralidade-e-escrita/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

TODAMATERIA. **Sintaxe da Língua Portuguesa**. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/lingua-portuguesa/sintaxe/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

Weinreich, Uriel; Labov, William; Herzog, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, tradução: Bagno, 2006.

WEJSA, Shari; LESSER, Jeffrey. **Migration in Brazil: The Making of a Multicultural Society**. Migration Policy Institute, 2018.

Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/migration-brazil-making-multicultural-society>.

Acesso em: 16/11/2025.